

KEITH DONOHUE

# E SE FOSSE UM ANJO

| ROMANCE |

*Tradução de Fernanda Semedo*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Para quem quer fugir da rotina



*Para os meus irmãos e irmãs*



*A esperança é aquela coisa com penas  
que está pousada na alma.*

— EMILY DICKINSON

*Einst werd ich liegen im Nirgend  
bei einem Engel irgend.*

*Um dia jazerei em nenhures  
Com um anjo a meu lado.*

— PAUL KLEE



# LIVRO I

JANEIRO DE 1985





Ouviu novamente a batida na porta, hesitante e débil. No casulo do seu leito, afastou o edredão e enrolou um xaile nos ombros para se proteger do frio do inverno. Sozinha em casa, Margaret começou a descer as escadas com cautela. Sustendo a respiração, procurou confirmar que o barulho na porta da frente não era apenas mais uma alucinação auditiva para lhe perturbar o sono duramente conquistado. No quarto degrau antes de chegar ao fundo, espreitou através do postigo, mas apenas descortinou uma escuridão ameaçadora e a luz azul do luar e das estrelas refletida na neve recente. Murmurou uma oração para si mesma: *não me faças mal...*

Margaret premiu as palmas das mãos contra a madeira de carvalho para deduzir a presença de alguém do outro lado da porta, sem ver, sem ser vista e, confiante, destrancou a porta e abriu-a. Na soleira, encontrava-se uma rapariguinha trémula, que não tinha mais de nove anos, com uma mala de viagem desconjuntada encostada às pernas. Entre a bainha do casaco e o cimo das meias que lhe chegavam ao joelho, a pele nua brilhava em tons de salmão rosado. Não tinha gorro e, mesmo sob a luz débil, via-se-lhe, através do fino cabelo loiro, o vermelho-vivo da parte de cima das orelhas. Um arrepio de frio visível percorreu-lhe a espinha, os joelhos ossudos bateram um no outro e as ancas estreitas contorceram-se quando o arrepio culminou em convulsões nos ombros e num bater de dentes involuntário. Abriu e fechou os dedos para manter o sangue a circular. Por baixo do casaco de escocês gasto, mais apropriado para o princípio do outono, a rapariga

não parecia mais que um esqueleto, toda ela linhas e ângulos agudos. O inverno soprava através dela.

— Coitadinha, entra. Há quanto tempo estás aí ao frio?

Margaret Quinn observou a visita, deu um passo para o alpendre, levou a miniatura de mala para dentro e trancou a porta atrás de si. O que lhe parecera irreal através da porta aberta confrontava-a agora na segurança do lar. A rapariga ficou no vestíbulo, a degelar e abalada por tremores. Presa ao tecido do casaco, uma etiqueta de papel rasgada, com três letras escritas numa caligrafia irregular: N-O-R.

— É o teu nome, filha? Falta qualquer coisa. Não é assim que se escreve Norah. Falta um A e um H. É esse o teu nome? Norah?

A criança não respondeu, mas o calor começara a infiltrar-se nela, aliviando a rigidez gelada da sua aparência. Quando reparou que a mulher a observava, sorriu com finos lábios azuis. Margaret apressou-se a acender as luzes e atravessou a sala de jantar até à cozinha, e a rapariga seguiu-a como um cachorrinho enquanto ela riscava um fósforo e acendia o fogão a lenha e, com um graveto, fechava a porta de ferro.

— Vem aquecer-te.

Regressaram-lhe velhos hábitos e instintos adormecidos. Aqueceu leite num tacho e barrou com manteiga bolachas de água e sal. Empoleirada numa cadeira junto do fogão, a rapariga desabotoou o casaco e despiu as mangas. Quando os óculos grossos ficaram embaciados, tirou-os, limpou as lentes à bainha do vestido e voltou a colocá-los sem demora no nariz. O sangue voltou-lhe às faces e fê-las resplandecer. Os olhos brilharam-lhe e, sem uma palavra, pegou na caneca e engoliu metade do conteúdo.

— Tens de desculpar essas bolachas com manteiga, mas não tenho mais nada. Não aparecem aqui muitas crianças.

As bolachas desapareceram. A tigela vazia voltou a ser cheia. A velha casa gemia e tiquetaqueava, acordando do sono. Por trás dos olhos da menina, sentada em total imobilidade ao lado de Margaret à mesa da cozinha, brilhou uma luz. As duas criaturas examinaram-se uma à outra no calor que as envolvia.

— De onde vens? Como chegaste aqui?

O casaco escorregou dos ombros da rapariga, revelando um pulôver azul e uma blusa amarela, e meias brancas até ao joelho, desbotadas por uma centena de lavagens. Dois ganchos desirmanados seguravam-lhe o cabelo irregular e um fiapo de geadas semelhante a giz brilhava-lhe por cima dos lábios gretados. Considerando a resposta, desapareceu num vazio e, quando fechou os olhos, pequenas veias rendilharam-lhe as pálpebras pálidas. Tomando consciência do tardio da hora, Margaret sentiu de repente

o cansaço da idade, o peso dos braços e das pernas, a dor nas articulações. Foi tomada de uma disposição sombria.

— Sabes falar, miúda?

— Estava gelada — respondeu ela, com voz fleumática. — Gelada como a ponta de um pingente de gelo.

Uma alma velha num corpo de criança, uma daquelas sobrenaturalmente maduras. Com uma golada rápida, a criança acabou o leite, pigarreou e o tom da sua voz aliviou uma oitava.

— Não comi nada em toda a noite, por isso agradeço-lhe, senhora Quinn.

Margaret perguntou-se como sabia o seu nome, depois lembrou-se que o devia ter lido na caixa do correio. A rapariguinha bocejou, revelando uma boca irregular de molares de leite e buracos, as pontas serradas dos dentes adultos furando as gengivas em ângulos estranhos.

— Deves estar cansada, minha menina.

— Norah, com A-H no fim. Parece que não durmo há um milhar de anos.

Ambos os ponteiros do relógio ultrapassaram a meia-noite.

— Há uma cama a mais lá em cima. Mas primeiro telefonamos à tua mãe.

— Não tenho mãe. Nem pai. Ninguém, em todo este mundo. Sou órfã, senhora Quinn.

Uma lasca de dor golpeou-lhe o coração.

— Tenho tanta pena. Há quanto tempo estás sozinha?

— Sempre estive. Desde o princípio. Nunca conheci os meus pais.

— E vens de onde? Devíamos telefonar à polícia, para ver se alguém comunicou o desaparecimento de uma criança.

Tentou lembrar-se do nome do detetive — seria Willet? — que a aborrecera durante meses após o desaparecimento de Erica. Nunca tinham encontrado a sua filha

— Não estou perdida. — A rapariga fitou-a, sem pestanejar.

*A polícia é inútil*, pensou ela.

— Como chegaste aqui?

— Andava à procura de um lugar e a sua luz estava acesa, e tem um tapete a dar as boas-vindas. Esperava alguém.

— Nunca vem aqui ninguém.

— Eu estou aqui.

— Pois estás. — Calculou os anos, contando pelos dedos, pensando nas possibilidades. A filha desaparecera há uma década e a rapariga parecia ter pouco menos de nove anos. Suficientemente crescida para ser sua neta, se acaso tivesse uma. Margaret conduziu a rapariga ao quarto desocupado

no andar de cima, no qual já mal entrava, a não ser uma vez por mês para limpar o pó da cómoda de madeira, da secretária, da armação da cama. Tinham sido muitas as vezes em que, repentinamente cansada da vida, se sentara na ponta do colchão, sentindo-se incapaz de se mover dali. Mandou Norah lavar a cara e as mãos e ficou diante do armário, receosa do que poderia de lá sair; estendeu a mão para os recessos escuros de onde retirou um baú a tresandar a cânfora. Sob camadas de casacos demasiado grandes e um vestido nunca usado, encontrou uma camisa de dormir de menina, enrugada e rígida. Norah enfiou-se na velha peça de roupa, arrastou-se para debaixo dos cobertores e, num gorjeio, desejou-lhe boa-noite.

A pergunta, adormecida mas habitual, chegou sem ela pensar.

— Disseste as tuas orações?

Olhou para a cabecinha da criança na almofada e viu, sob a luz desmaiada, uma resposta inesperada às suas próprias esperanças. Apagando o candeeiro, atreveu-se a acariciar o cabelo macio da menina, sussurrou «bons sonhos», saiu do quarto e deixou-se ficar, sem fôlego, do outro lado da porta. Escutando do corredor, desconcertada pela presença de outra pessoa, Margaret aguardou a respiração rítmica do sono e, abanando a cabeça ao som da criança adormecida, voltou silenciosamente ao seu quarto envolto em escuridão.

A intensidade da escuridão tornou as placas difíceis de ver. Estava quase em cima do aviso quando leu: «Perigo de Gelo na Ponte», o que o fez rir, pois estava gelado há muito e nada poderia gelá-lo mais. Depois de enterrar mais o chapéu na cabeça e de enfiar o lenço de pescoço no colarinho do casaco, a figura inclinou-se na direção do vento e penetrou na ponte. A humidade na pele gretada e barbeada por baixo dos lábios evaporou e, a cada inspiração, o ar entrava-lhe nas narinas doridas. O frio secava-lhe os olhos e, sempre que pestanejava, provocava lágrimas quentes que perturbavam a sua noção de ordem. Não se aproximavam luzes de faróis; ninguém se cruzara com ele nessa noite. A dureza da hora tardia mantinha as pessoas dentro de casa, aninhadas em cobertores e orações, para se manterem quentes e seguras. Caminhando por cima da água, escutou o rio, asfixiado por gelo partido, a arrastar-se e a lamber suavemente as compridas barras de aço enterradas no seu leito. Continuou a caminhar, os calcanhares ecoando no pavimento e, quando ele parava, o mundo voltava a ficar congelado.

Moveu-se com lentidão deliberada através da cidade triste e a escurecer, passando pelas janelas cerradas com persianas e pelas montras vazias. Lá em baixo, no vale, o brilho laranja residual de uma das últimas fábricas resfolegou e dissipou-se como nevoeiro que se erguesse, como se o próprio Inferno estivesse a morrer, a deixar de funcionar. Uma vez livre da iluminação pública, a luz ambiente diminuiu e estrelas como cabeças de alfinetes brilharam no céu de cristal. Na ponta de uma constelação, uma

brasa piscou e traçou uma parábola fugaz. *Uma noite fria é melhor*, pensou. As possibilidades de encontrar outra alma tornavam-se mais remotas à medida que a distância entre as casas aumentava. Deparou com uma velha escola primária, um monumento quadrado, de tijolo, construído numa época mais próspera, rodeado por um gradeamento de ferro forjado a que faltavam alguns espigões. Mesmo através das luvas, as barras gelaram-lhe os dedos. O recreio vazio ecoava com gargalhadas e surgiram-lhe sensações visuais de crianças a brincar, como os fantasmas de há meio século. Evocou as suas memórias, não vendo mais que esses refugiados do tempo.

Seguindo a sua própria certeza, atravessou o bosque e chegou a uma casinha cujo pátio estava protegido por uma cerca de madeira. As janelas escurecidas aprisionavam quem lá dormia e os seus sonhos, Margaret e a criança enjeitada que recolhera. Rodeou a casa até à parte da frente e parou junto do carro estacionado na rampa, para observar o alpendre e a porta. Sabia que a rapariga, finalmente, a encontrara.

Imóvel, observou a velha casa com o ar a gelá-lo até à medula, como se estivesse há dias congelado no mesmo sítio. A solidão esvaziara-o e a quietude das três da manhã enchia-lhe a mente de inverno. Sem ser mais que a substância da oração, o medo a complementar a esperança, testou os limites da sua nova forma, passando o peso de uma perna para a outra e estirando os músculos e os ossos para quebrar os grilhões do frio. Na porta ao lado, um cão minúsculo começou a latir e a saltitar para espreitar pela janela, a cabecinha surgindo com a regularidade de um metrónomo. Baixou o olhar para o bicho com uma expressão fulminante. Para soltar as mãos, fletiu os dedos dentro das luvas de pele e tocou a ponta do chapéu num cumprimento de boa-noite à mãe e à criança adormecidas dentro de casa. Antes de partir, gravou com a ponta do dedo o nome *Noriel* no gelo do para-brisas e, respirando para cima do vidro, derreteu a palavra.

Paul trouxera a bebé de madrugada, acordara-a com o cheiro fresco de talco e pele quente, e deitou o embrulhinho a ronronar tão perto dela que Erica, agitando o punho do tamanho de um figo, podia tocar o nariz da mãe. Inclinando-se para beijar uma planta de pé nua que escapara do cobertor e depois a testa vincada da mulher, despedira-se antes de partir para o trabalho na clínica nova. O gesto recordou a Margaret a bênção inesperada da filha, concedida muito depois de todas as esperanças se terem extinguido, e sabia que também Paul estava perplexo de alegria e não resistia ao apelo do berço. Uma dádiva a cada manhã. Misturando o seu calor ao da filha, dormitou, o tempo a escapar do seu controlo, e viu a nova criança, curiosa de tudo o que estava fora do seu alcance. Deitada na cama ao lado do bebé, a recente mãe observou através da luz ténue os olhos perscrutadores da filha, grandes e brilhantes como duas luas, e as sacudidelas espasmódicas das pernas e dos braços no ar quieto, como se Erica procurasse alcançar a totalidade da vida. Um mistério e uma maravilha vivos naquele olhar que criava, aos sorvos, um universo pessoal. Nesse primeiro ano de vida da filha, ela receava que algo de terrível acontecesse e lhe levasse a bebé. Se Erica chorasse demasiado, Margaret pressupunha que a criança sentia dores mortais e não a dissuadiam as afirmações de Paul acerca de dentes novos ou de uma indigestão. Se a bebé dormisse muito tempo, Margaret corria para o berço, sentia-lhe a pulsação no cocuruto mole e o rápido mas estável levantar e baixar do peito minúsculo. Receava que a menina morresse subitamente, e só quando segurava Erica nos braços e sentia o

bater do seu coração, descansava verdadeiramente. Para além das duas, o próprio mundo era suficientemente ameaçador. O *Sputnik* e a Bomba de Hidrogénio na União Soviética. Charles Starkweather e Caril Ann numa escalada de assassinatos no Nebraska e no Wyoming. Um autocarro escolar no Kentucky resvalara da estrada para um rio, causando vinte e sete mortos. Um incêndio numa escola católica em Chicago matara noventa alunas e três freiras. Distúrbios em Cuba e no Iraque, o vice-presidente Nixon atacado em Caracas, bombardeamentos entre os chineses em Quemoy. Apertou mais a bebé enquanto a televisão enumerava as vítimas, querendo a todo o custo protegê-la do mal e dos danos, acidentais ou propositados.

Quando a menina começou a falar e a andar, e os anos 50 deram lugar aos 60, ainda a preocupava que uma doença ou um acidente lhe interrompesse o sonho, e mantinha um olho maternal nas esquinas aguçadas, nas moedas pequenas perdidas no chão e nos buracos convidativos das tomadas elétricas. Quando tinha três anos, Erica desenvolveu algo que Margaret receou ser petéquia na axila, um colar de picadas vermelhas, e, em pânico, imaginou todos os perigos de uma tromboembolia, mas o marido, médico, rindo-se dela, diagnosticou um impetigo ligeiro. Aos seis anos, na escola, Erica saltou de um baloiço e perdeu o primeiro dente de leite. Aos sete, caiu da bicicleta e levou dois pontos no queixo. Paul cuidou dela até ela crescer demasiado para os seus tratamentos. Porém, essas poucas cicatrizes foram as únicas coisas más que alguma vez lhe aconteceram. Apenas o somar dos dias, das semanas e dos anos aliviou a ansiedade de Margaret e enfiou as contas da preocupação numa corrente mais forte e, no entanto, nenhuma quantidade de amor era reserva suficiente.

Acordada nessa manhã de inverno, decidiu que aquela criança, que viera como se tivesse sido convocada, era uma lousa em branco sobre a qual, naquela hora tardia da vida, ela podia recomeçar. Ansiava por verificar a menina adormecida mas mudou de ideias. A própria casa parecia respirar a um ritmo estável de sonolência, voltando novamente à vida às nove, a hora a que normalmente entrava em letargia, aquietada pela partida das crianças da vizinhança para a escola e dos pais para o trabalho.

Estava acostumada a caminhar entorpecida através da desolação da sua vida. Como os sobreviventes de uma devastação maior, remendara a mágoa e prosseguira com uma aparência de normalidade. E agora, a menina viera e Margareth sentia as fendas da sua vontade abrigarem nada mais que a memória da filha. Tudo, por muito mau que fosse, tinha sido bom, suportável. Porém, esta manhã, Norah desmantelara o mundo.



**D**e caminho para abrir a Florista Rosa Rossa, o vizinho, o senhor Delarosa, passou em casa dela e bateu à porta da frente, interrompendo-lhe as fantasias. Margaret desceu as escadas com esforço, deteve-se junto do espelho ao lado da porta da frente para tentar dar um jeito no cabelo e estalou a língua ao ver o inchaço em torno dos olhos. Pasqualo Delarosa era o último dos vizinhos dos velhos tempos que se lembrava do seu marido e da filha. Quando Margaret enviuvara, oferecera-se para tratar das tarefas no exterior — varrer o caminho, podar o buxo, recolher as folhas — numa atitude de caridade e simpatia que ela pagava com tartes de cereja no verão e bolo de frutas encharcado em rum todos os Natais. Sem ser por isso, raramente a visitava, e a sua atitude no alpendre sugeria algum embaraço e inquietação por a ter feito sair da cama.

— *Scusi*, senhora Quinn, lamento muito incomodá-la tão cedo, mas queria ver como estava, se vai tudo bem.

Aconchegando o pescoço com uma dobra de tecido, fez-lhe sinal para entrar.

— Não, não, tenho de abrir a loja. Dois funerais esta semana. A noite passada, já tarde, houve um barulho, e eu pensei, deixa cá ir ver como está a senhora Quinn, se está bem.

O ar arrefecia-lhe os tornozelos nus e ela voltou a indicar-lhe que saísse do frio.

— Por volta das três da manhã. A cadela da minha mulher ficou *pazza*, muito estranha, a ladrar e a tentar apanhar o rabo, e sabe que ela já está

velha e agora nunca sai da cama, mas alguma coisa na cabeça dela fê-la disparar, e eu disse «*Fate silenzio!*» e atirei-lhe um sapato, mas *yip-yap-yap*, e a minha mulher espreitou pela janela e viu alguém no pátio da senhora Quinn, uma espécie de monstro, mas eu não vi nada. Hoje levantei-me e ela disse-me, no caminho para o trabalho vai ver a senhora Quinn, e vim ver, nada. Nem sequer uma pegada na neve. Só o seu carro, não é? Todo coberto de geada, mas um círculo limpo no para-brisas, como se alguém lhe tivesse deitado uma panela de água a ferver, mas provavelmente não foi nada, não é? A senhora está bem?

— Não ouvi nada em toda a noite, senhor Delarosa, e dormi como um bebé. — Evitou olhá-lo.

— Então tem passado bem? Não a tenho visto tanto cá fora, nos seus passeios.

— Tem estado tanto frio. — Esfregando os braços, fez de conta que tremia e, percebendo a sugestão, ele acenou e despediu-se. Novamente sozinha, ela sorriu para si mesma e foi para a cozinha preparar o pequeno-almoço, desenterrando da memória a receita distante das panquecas. A meio de bater a massa, lembrou-se que não tinha geleia de ácer. Podia usar compota, ou açúcar em pó. Perguntou-se se a garota se importaria.

Lá em cima, Norah inspecionou o quarto. A filha desaparecida deixara para trás uma cómoda de roupas de outono, camisas de manga comprida, calças de ganga, um arco-íris de camisolas. Dentro de um pratinho, seis pedras lisas apanhadas na praia. Um crachá com uma pomba empoleirada no braço de uma guitarra. Outro, onde se lia *MCGovern '72*. De um pacote aberto de pastilhas *Teaberry*, Norah desembulhou a última barrinha e encontrou-a feita em lascas de terracota. Por cima da cama, estavam coladas aguarelas — os bosques num dia de neve, uma ponte que atravessava um rio agitado e um rapaz com uma cascata de cabelos que parecia um Jesus adolescente. Por cima do interruptor da luz, um crucifixo. Na secretária repousava uma edição com dez anos da *Time*, com a fotografia de uma Patty Hearst severa sob o título frio: CAPTURADA. Um bloco de papel branco sem nada escrito. Segurando-o obliquamente à luz da manhã, Norah detetou a impressão das letras LV na sua superfície. Os únicos outros objetos na secretária eram quatro livros escolares encadernados com papel de embrulho castanho, onde alguém garatujara *Wiley* repetidamente, o nome entrelaçado com flores, corações, uma cobra com muitas cabeças. E, desenhado com mais cuidado, o logótipo críptico ADD, sobre um par de asas abertas.

Dentro da gaveta pouco funda da secretária estavam lápis de cor com marcas de dentes a meio. Um molho de pincéis de artista de diferentes

tamanhos, os pelos de camelo endurecidos como pontas de seta. Norah pressionou a ponta de um contra a superfície da secretária até vergar e a tinta velha se esfarelar numa nuvem de poeira âmbar. Escondido sob um emaranhado de elásticos e *clips*, um maço de cigarros e uma carteira de fósforos. Tirou um cigarro e meteu-o no bolso. As gavetas laterais continham um arquivo de papéis escolares, desenhos de todas as idades, recados, cartas, uma fotografia de família desgarrada. Observou a imagem dos três, sob uma árvore de Natal artificial, prateada: a rapariga sentada numa cadeira de baloiço com encosto de vime, a mãe e o pai, cada um repousando uma mão no espaldar da cadeira, a fotografia cortada em dois no pai e depois novamente colada. Bem enterrado na confusão estava um bloco com esboços — rostos justapostos a estradas no deserto, uma rapariga de avental flutuando no horizonte, um rapaz enfrentando um leopardo a partir da sua cama acolchoada. Escondeu o portefólio debaixo do colchão, para o examinar melhor mais tarde.

O aroma das panquecas subia lá de baixo e ouviu um rugido desconhecido no estômago. Imaginou a mulher na cozinha a bater a massa, a pôr a mesa, a preparar-se. Era a altura certa para fazer a sua entrada. Em bicos de pés, Norah só conseguia chegar ao fundo do espelho ao lado da porta. Molhou a ponta dos dedos com cuspo e penteou o cabelo desgrenhado, endireitou os óculos e ensaiou um sorriso. A luz era agora perfeita. Desceria.

Quando se virou para chamar a rapariga, Margaret ficou surpreendida por a ver já à porta, vestida com a camisa de dormir escocesa da sua filha fugitiva. À luz da manhã, por um único momento, perderam o seu lugar no tempo.

— Então — disse Norah. — Deixa-me ficar?

Sean Fallon esperou até que praticamente todas as outras crianças saíssem da Escola Primária Friendship, algumas a correr em magotes para arranjam os melhores lugares nos autocarros, outras juntando-se às duas ou às três para irem a pé. Num recesso, quase escondido debaixo da parca e do cachecol, observou os valentões mais velhos a caminharem tranquilamente até desaparecerem nas esquinas. Uma vez em segurança para avançar, puxou o capuz para cima, como um espião, encurvou os ombros para estabilizar o peso da mochila e iniciou a longa caminhada para casa. Os professores, apressados na direção dos seus carros, prestaram-lhe pouca atenção. O próprio diretor quase o deitou abaixo. Um homem mais velho levou os dedos ao chapéu antiquado quando passaram um pelo outro no passeio, deixando atrás de si um rasto gelado que lhe fez correr o nariz e lhe congelou o muco por cima do lábio. O vento soprou-lhe no rosto e através dos cabelos, pois o estranho parecia levar o inverno a reboque. Neve fresca cobria extensões irregulares do solo, alisava os sulcos densos nas bermas e nas esquinas e os rastros antigos gravados nos passeios. Sean parava aqui e acolá para escrever o seu nome nos capôs empoeirados de carros abandonados, para percorrer com as luvas um gradeamento, para empurrar suavemente a ponta ou o calcanhar da bota e quebrar o gelo acumulado em pequenas condutas e depressões. Não tinha razão para pressas. A mãe só voltaria do emprego daí a algumas horas e o pai nunca vinha a casa.

Desde o princípio do semestre de outono que Sean se entregara a

deambulações depois da escola, sem vontade de enfrentar a casa vazia após o divórcio dos pais. O desejo do conforto que lhe dava o ócio tornara-se um hábito e, ao longo dos últimos meses, cultivara a sua solidão. Junto ao bosque, permitia-se dar rédea solta à imaginação, desfrutando das pequenas descobertas do mundo natural. Com a cabeça curvada para o chão enquanto caminhava, encontrara o cadáver de um pica-pau, as asas amarelo-vivo cuidadosamente dobradas de encontro ao torso de manchas cinzentas e a franja de penas vermelhas; a tibia de uma raposa ou de um cão pequeno, enxameada de formigas vermelhas. E também tesouros que podia guardar: a espiral perfeita de uma concha gigante de caracol, uma dúzia de pedras que brilhavam com facetas de quartzo; uma garrafa de vidro com o ano 1903 gravado em relevo no fundo âmbar, um cromo de basebol de Roberto Clemente, herói das séries de 1971, uma nota de cinco dólares, e oitenta e nove centavos em moedas; uma Bíblia de bolso coberta de lama seca. Com os olhos erguidos para o céu e a alma liberta de preocupações, observava as mudanças de estação, o ar repleto de folhas, pássaros e nuvens. Em muitas tardes de outono avistara a velhota que vivia só, passeando também sozinha, à procura de alguma coisa perdida.

O caminho para casa exigia-lhe que escalasse ou então se baixasse para atravessar uma cerca de ferro num dos extremos do pátio da velhota, atravessar o relvado de cabeça baixa, saltar outra cerca no extremo da propriedade e trotar até à rua da frente. Não lhe agradava o risco, mas o atalho poupava-lhe um quilómetro e meio, e recorrer a ele tornara-se uma questão de princípio. Sempre que atravessava os limites da propriedade, recitava, «Perdoa-nos as nossas ofensas, como nós perdoamos aqueles que nos têm ofendido», sem saber muito bem o que as palavras significavam, o que só reforçava a sua magia. Atrás das cortinas fechadas, ela espiava, disso tinha a certeza, esperando a ocasião em que ele tropeçasse e caísse, para vir a voar num cabo de vassoura diretamente do cimo da chaminé. Sean relanceou a janela da cozinha, voltou a baixar a cabeça e estugou o passo. Murmurou outra oração de penitência.

Quando estava empoleirado no segundo gradeamento, avistou a velhota e a bruxinha de óculos ao lado dela. Estavam na esquina da casa, escondidas pelas sombras. A senhora estava muito direita, embrulhada no sobretudo, com um cachecol grosso enrolado no pescoço, cabelos brancos como a Lua, o rosto quebrado em ângulos, dominado por um nariz pontiagudo. Observava, com olhos impiedosos, cada um dos seus movimentos. A rapariga esfarrapada saltava em bicos de pés e, quando viu que ele se encontrava numa situação desvantajosa, correu na sua direção.

— Não devias atravessar a propriedade das pessoas. — Apontou um dedo na sua direção, depois esperou, de mãos nas ancas, que ele desemaranhasse os pés. Metade da cara dela estava na escuridão e a outra metade brilhava ao sol, as suas feições tornando-se lentamente nítidas. Sem saber bem quais eram as regras do jogo, Sean não sabia se devia descer e ir ter com ela, correr apressadamente sobre as suas próprias pegadas ou esperar eternamente em cima do gradeamento. Uma rola, assustada pela voz da rapariga, piou e levantou voo de um bordo, gritando ao erguer-se no céu pálido. Ele passou a perna por cima do gradeamento e desceu cuidadosamente, enquanto a senhora Quinn avançava para o confrontar.

— Tens consciência de que este é o meu pátio?

Perplexo por ser abordado, o rapaz acenou com a cabeça. *Ela ia atraí-lo com pão de gengibre quente e metê-lo no forno.*

— Como te chamas, rapaz?

— Sean Fallon, senhora.

— Quantos anos tens, Sean? Em que ano andas?

— Estou no terceiro ano e tenho oito anos e meio.

Norah acercou-se dele, inspecionando-lhe o rosto.

— A sério? E quando é que fazes anos?

— A 23 de agosto.

— Então não tens oito anos e meio. Estamos só em janeiro. Tens oito e um quarto.

O rapaz piscou os olhos sob a luz do Sol. *Ou ia engordá-lo a pão e leite numa jaula pendurada do teto.*

A senhora Quinn pôs-se entre as duas crianças.

— Vejo-te atalhar por aqui todos os dias. Alguns dias, duas vezes... uma de manhã e outra à tarde. Estás a ir e a voltar da escola?

Ele olhou para a neve entre as suas botas. *E moer-lhe os ossos para fazer pão.*

— A partir de agora, leva-la contigo. E depois vens trazê-la a casa. Ela também está no terceiro ano. Aparece uns minutos mais cedo amanhã, e leva-la ao gabinete do diretor. Eles podem enviar-me os papéis para a matricular. Percebeste, Sean Fallon?

Ergueu-lhe o queixo com dois dedos, para que ele pudesse vê-la sorrir. Sean assentiu com um simples aceno de cabeça e as duas começaram a voltar para casa. A meio do caminho, ela virou-se para trás.

— A propósito, chamo-me...

— Senhora Quinn — completou ele. — Toda a gente sabe quem a senhora é. Toda a gente sabe quem vive nesta casa.

Margaret puxou a rapariga para diante de si, para que ele pudesse fixar a sua cara.

— E esta é a Norah.

A rapariga retorceu-se sob as mãos dela e deitou a língua de fora ao rapaz.

— Norah Quinn, a minha neta.

Peça a peça, desempacotaram as poucas roupas que vinham na malinha de Norah. Enquanto a senhora Quinn inspecionava cada artigo à luz, a rapariga contava-lhe a sua história e as suas ligações sentimentais, e as peças eram dobradas em duas pilhas: as que podiam ser lavadas e remendadas para voltar a usar e as que eram para despachar — deitadas fora ou, melhor ainda, levadas para as traseiras e queimadas no barril de malha metálica. Ocasionalmente, deixava a rapariga suplicar e triunfar. A execução de uma boneca foi comutada. Uma camisola branca com manchas acastanhadas nos punhos foi poupada. Meias que precisavam de ser passajadas. Na sua maioria, contudo, as velhas roupas da órfã estavam demasiado estragadas.

— Como é que podes viver assim? — perguntou a senhora Quinn, segurando umas cuecas cinzentas desbotadas, cheias de buracos.

Norah rodopiou e atirou-se para cima da cama.

— Tive muita sorte. Fui abençoada.

— Vamos arranjar-te alguma coisa como deve ser.

Dirigiu-se ao armário e tirou o baú de cedro, que acumulara pó durante a maior parte de uma década. — São coisas velhas. Não te importas com isso, pois não? De quando ela tinha a tua idade, há vinte anos. Se as coisas da Erica não servirem, vou às compras amanhã, enquanto estiveres na escola.

— Tenho de ir para a escola? Preferia ficar aqui e ajudá-la com as coisas da casa.



— Não, tens de cumprir o plano. Se alguém te vê a deambular por aqui, vai perguntar-se porque não estás na escola.

— Nesse caso, porque não me leva?

— Preciso de me manter invisível, pelo menos durante algum tempo. Haveria demasiadas perguntas indiscretas. Quanto menos pensarem em mim, melhor. Se ficas em minha casa, tens de seguir as minhas regras. Diz-lhes que sou um bicho do mato e não posso ir à escola. São demasiadas recordações.

Margaret abriu o fecho e levantou a tampa, depois ajoelhou-se diante do baú.

— Bem, não preciso do Sean Fallon...

— *Chiu.*

Do cimo dos tesouros, retirou um vestido de baile e estendeu-o cuidadosamente na cama. Excitada pelo tafetá, Norah saltou para o chão e espreitou o interior do baú, apoiando a mão pequenina nas costas da mulher. Nos sete anos que tinham passado desde a morte de Paul, ninguém tocara assim em Margaret. Escolheram juntas uma blusa branca, uma saia de lã, um par de sapatos em pele, com fivela. Quase no fundo do baú, um poncho grosso bordado estava dobrado em cima do vestido de batizado, um pijama pastel e outras relíquias de infância. A senhora Quinn passou as mãos por cima dos desenhos e sorriu para si mesma. Quase esquecera aquele troféu. Mostrou os padrões à menina: dois lamas na bainha e, atrás destes, os Andes em apliques.

— A minha irmã mais nova trouxe-o do Peru, um Natal, e Erica usou-o todos os dias do inverno quando era da tua idade. Havias de gostar da Diane, é esperta como um alho, como tu.

— É lindo — disse a rapariga. Margaret virou-o para a rapariga poder ver, do outro lado, uma cara redonda estilizada, rodeada por asas ou nuvens em espiral. Norah arregalou os olhos.

— Olhe, um serafim.

— Estás a falar de quê? É o sol a sorrir para todos nós.

— Não, é um serafim. Sabe, serafins e querubins.

— Para de dizer disparates. — Pegou numa pilha de roupa. — Amanhã é um grande dia, por isso, cama!

Quando finalmente a rapariga adormeceu, Margaret pôs roupa na máquina de lavar e de secar pelo serão fora, e dobrou a roupa acabada de lavar quando davam as notícias das onze. Tinha os músculos tensos e sentia falta de ar, mas conseguiu dobrar todas as roupas de Norah num volume incrivelmente pequeno, como as roupas de uma boneca, as pontas e as bainhas desfiadas pelo uso e amaciadas pelo tempo. Alisou a pilha e encostou as coisas da rapariga à porta do quarto, como a mãe dela fazia muito tempo antes,

quando ela e Diane eram crianças. Duas pilhas, para duas meninas, mas ela inevitavelmente misturava as roupas das irmãs, que tinham de separar as meias e a roupa interior, enquanto se queixavam de como a mãe conhecia mal as próprias filhas. Ou então roubavam uma à outra as peças favoritas, sem dizer uma palavra.

Diane nunca compreenderia porque decidira ela manter em casa a jovem visitante. A própria Margaret não sabia bem quais eram as suas razões, respondendo mais ao poderoso apelo que a criança exercia, como se tivesse feito parte da sua vida desde sempre. Ninguém lhe aparecera à porta, apesar de dez anos de orações e de súplicas, e ela não recusaria uma resposta, não mandaria a criança embora. Se para isso fosse preciso dizer algumas mentiras, pensou, que assim fosse, ainda que a irmã ficasse chocada com a profundidade da sua ilusão. Do corredor, o ouvido sintonizado na porta fechada, ouviu a respiração estável de Norah. Ainda mantinha a sensação quente nas costas, onde a criança a tocara.

Nas manhãs de inverno, Paul mandava-a para a escola embrulhada em roupa e, da janela do quarto, Margaret via a filha tirar o capuz, abrir o fecho do sobretudo e correr ao encontro dos amigos, o maço de livros pendurado numa fita. Erica tinha uma vida à parte, fora dos limites de casa, mas o pai só deu por isso demasiado tarde, quando já não era seu guia nem seu protetor. Aos dez anos, ela falava-lhe descaradamente à mesa do jantar; ao princípio, brincadeiras tingidas de sarcasmo mas, em breve, revirava os olhos diante das suas tímidas tentativas de exprimir carinho, das suas manobras cada vez mais desesperadas para a recuperar. O início da puberdade aumentou o abismo. Ela estava a fugir e ele não sabia como construir uma ponte que cobrisse a distância entre a filha amada e a adolescência insolente.

Do seu posto de observação atrás da janela da cozinha, Margaret via as crianças no pátio. Contemplou os topos das árvores, lembrando-se de um papagaio que Paul e Erica tinham perdido havia anos, perguntando-se se ainda haveria algum pedaço de tecido rasgado agarrado aos troncos nus. Empoleirado bem alto num carvalho sólido, um falcão gritou à primeira luz, sobressaltado pelo estranho brilho que atravessou a floresta vazia. A figura abrigou-se mais dentro do casaco, tentando esconder a sua identidade.

As crianças ergueram os olhos, procurando a fonte do grito penetrante, e Norah apontou para que Sean seguisse a linha direta da sua luva até à ave. Um par de corvos, alarmados pelo falcão, deram-lhe caça, crocitando

estridentemente, e perseguiram-no até desaparecerem os três sobre as árvores escassas.

Margaret calculou a distância e avistou o falcão no céu, durante todo o tempo reescrevendo mentalmente a nota elaborada com cuidado a pedir a admissão da neta no terceiro ano da escola primária. Em pânico, criara uma história acerca de uma família desfeita, a mãe da rapariga sem mais para onde se virar, perguntando se podiam ter a delicadeza de enviar os formulários pela criança, que se chamava Norah. Em três rascunhos diferentes, tentou afetar um ar de aceitação resignada por ter de cuidar da pobre criança e a frase final era o seu *coup de grâce*: «Cada um com a sua cruz.» Durante o pequeno-almoço, a senhora Quinn ensaiou a mentira, confiando que Norah decorasse os pormenores e atestasse a sua veracidade. Dobrou a carta, introduziu-a no bolso do casaco puído e manteve-se junto da porta até Sean Fallon chegar, como prometido, e depois viu-os afastarem-se juntos, o ritmo furioso das passadas do rapaz tornando difícil a Norah manter-se a par. As cortinas da cozinha dos Delarosa fecharam-se, e Margaret percebeu que o vizinho vira as crianças partirem. Teria de inventar uma história para as perguntas inevitáveis. O silêncio, seu velho inimigo, voltou à casa.

Com um café na mão, olhando para a tigela de cereais e o copo de sumo vazio do outro lado do seu lugar à mesa, perguntou-se porque teria deixado as coisas ficarem tão descontroladas. A rapariga apenas passara duas noites em casa, mas Margaret já desejava protegê-la com a mais fantástica mentira. Como se fosse mesmo a filha da sua filha, que ela tivesse amado toda a vida.

Se fosse verdade, ela teria ido à escola com a criança e tê-la-ia apresentado orgulhosamente. Caminhar fora o seu hábito e conforto, mesmo durante a parte mais fria do ano e, desde que a filha desaparecera, Margaret caminhava por todo o lado, todos os dias, ao longo das estradas rurais dos arrabaldes e, quando a infâmia atenuou, atreveu-se a ir até ao aglomerado de lojas e edifícios de escritórios e casas de arenito vermelho junto da ponte, que constituíam a cidadezinha propriamente dita. Aqueles que conheciam a sua história afirmavam que Margaret, nesses passeios, procurava alguma pista, com os olhos postos no chão ou nos detritos à beira dos caminhos, em busca de uma razão.

Ao longo dos primeiros anos depois do desaparecimento, o marido caminhava com ela. Escolhiam percursos até lugares tranquilos, com poucas possibilidades de encontrarem amigos ou estranhos. Depois começaram a seguir trilhos de veados ou a caminhar ao longo da pista para bicicletas que o município construía ao lado de um riacho e que raramente era usada por ciclistas. Numa quente noite de verão, Paul calculou que tinham

circum-navegado o globo unicamente dando os mesmos passos uma vez e outra. Companheiros na perda.

Erica nascera quando já eram casados há muito tempo, uma bênção inesperada depois de anos a rezarem por um bebê, consultas a especialistas em fertilidade, as técnicas mais exóticas e, finalmente, a desistência total. Margaret acabara de fazer 37 anos quando a sua única filha nasceu, e Paul tinha mais doze que ela, idade suficiente para ser avô da filha. Estragou a menina, apesar dos avisos de Margaret e, quando os deixou, Erica partiu-lhe o coração e destruiu-o, não de uma vez, mas com lentidão e firmeza, como a hera asfixia uma árvore. Quatro anos mais tarde, também ele partiu. Uma saída final. Depois de o enterrar atrás da igreja de St. Anne, retomou a sua jornada, palmilhando as colinas que rodeavam o vale para ficar sozinha, invisível, ouvindo apenas o vento ou a chegada dos pássaros cantores todos os meses de março, e a sua partida a cada setembro.

Agora, a idade e o inverno tinham-na enclausurado. As primeiras dores fortes tinham chegado em novembro passado e, por altura do Natal, não suportava estar lá fora quando o termómetro descia dos zero graus. Era afligida por dores estranhas. As pernas pareciam palmeiras envasadas. As pontas dos dedos tinham formigueiros e depois perderam a sensação. Um cotovelo ficou rígido e recusou dobrar-se. Frágeis como os de um passarinho, os seus ossos pareciam destituídos de medula. Um vento forte arrastá-la-ia até ao Kansas. Pior que tudo, um cansaço permanente instalou-se nela e recusou qualquer remédio de sono ou de repouso. Era um relógio a que não tinham dado corda e perdia o tempo. Quando a rapariga chegou, o primeiro impulso de Margaret foi saber a verdade, devolver a criança ao lugar a que pertencia, fosse lá onde fosse, mas talvez esta fosse, pensou ela, a forma de Deus atender as suas orações constantes. Um pouco de companhia, uma pequena recompensa por aquilo que lhe fora tirado.

O que era preciso fazer era enganar toda a gente — os vizinhos, a escola e a irmã, Diane, a única parente que lhe restava. Uma pestana rodopiava na chávena de café. Esfregou as palmas das mãos na toalha da mesa, endireitando rugas apenas visíveis ao tato.

— Está demasiado calor aqui — disse, embora estivesse sozinha. Ao abrir uma janela, ouviu gritos no ar, o ruído solitário de alguma criatura que não hibernara, mas não voltou a ver o falcão em toda a manhã. Não havia nada no céu, além de brilho azul.

A entrevista com o diretor decorreu no seu gabinete apertado e húmido, o coração do velho edifício de estilo *Craftsman* em vias de extinção. Por cima dos arquivos, um feto pendia frouxo, com as folhas castanhas e estaladiças. Espalhada pelas paredes, uma galeria de fotografias e galhardetes marcava a passagem do seu tempo na Escola Primária Friendship — a placa mais antiga, de 1970, dava-lhe as boas-vindas «a bordo». Apesar do constante sopro quente da caldeira, parecia enregelado por baixo da camisola azul-bebé, sob a qual espreitava uma camisa de riscas amarelas e uma gravata azul-marinho com um padrão de âncoras repetidas. O diretor Taylor leu parte da carta da senhora Quinn, relanceou a rapariguinha diante de si, que sorria sempre que os seus olhos se encontravam, e procurou no texto o lugar onde se interrompera. Acabou por fim de o ler, os lábios retorcidos em confusão, repetindo a frase «Cada um com a sua cruz». Norah prendeu o cabelo fraco atrás das orelhas e ergueu uma sobrancelha quando o diretor virou a atenção para ela.

— Muito curioso.

— Que parte?

— Tudo. A sua famosa mãe. A sua avó, a senhora Quinn. Porque não veio ela trazê-la?

Preparada para a pergunta, contou a primeira mentira.

— Ela é mais ou menos inválida.

— Inválida? Como é que alguém pode ser mais ou menos inválido? Sabe, pelo menos, o significado da palavra inválido?

Norah baixou a voz e falou devagar.

— Agorafobia, receio bem. — Ao ver que o homem não percebia, explicou de outra maneira. — Tem medo dos espaços abertos. Não sai de casa, se puder evitá-lo.

— Sei muito bem, minha menina, o que é agro...

— Não consegue ultrapassar isso. A verdade é que sou uma dádiva de Deus. Não pode imaginar a pressão que é para ela fazer as coisas mais simples. Ir à mercearia, despejar o lixo, ir buscar o correio.

— E a menina é neta dela. Os seus pais?

— Diz aí na carta, senhor Taylor. Vai obrigar-me a dizê-lo em voz alta?

— Sim, mas...

— Nenhum deles me quer, é tão simples quanto isto. Lamento ter de o dizer. — Olhou-o diretamente nos olhos.

O diretor procurou na secretária os formulários adequados, folheando uma pilha de papéis de várias cores.

— Acho que podemos aceitá-la, menina...

— Quinn. — Ela dobrou-se para a frente e pousou os dedos na aresta da secretária. Tinha as pontas dos dedos em carne viva, de tanto roer as unhas.

— Muito bem. Diga à sua avó para preencher e assinar isto, e assim que os seus dados chegarem, estará oficializada.

Norah suspirou e baixou a cabeça.

— Nunca estive numa escola. Já ouviu falar de John Holt e *Teach Your Own*? Ensino em casa?

O senhor Taylor levantou os olhos do dossiê que estivera a examinar.

— Quer dizer que a sua mãe nunca a mandou à escola? Ensinou-a em casa o suficiente para estar preparada?

Analisou a expressão ansiosa e expectante dela e voltou a debruçar-se sobre os papéis, mandando-a embora com uma nota escrita rapidamente para a professora. Podia ser o problema do terceiro ano nesse dia. Nas margens, escreveu uma nota para se lembrar de telefonar à senhora Quinn e pôs a carta no cesto de documentos a transbordar.

Norah atravessou rapidamente o corredor até à sala de aula, o casaco a arrastar como um lençol batido pelo vento, os sapatos de sola gasta a rangerem no linóleo a cada passo triunfante. Recobrando a respiração junto da sala 9, espreitou pela abertura retangular da porta, estreita como uma janela na muralha de um castelo. Sean Fallon estava sentado na segunda fila, no quarto assento, e a carteira vazia mais próxima era na terceira fila, quinto assento, suficientemente perto para o observar diretamente, suficientemente longe para passar despercebida. Nenhuma das outras crianças detetou a

sua cara emoldurada pela abertura, porque, escrupulosos na sua ortografia cursiva, observavam as próprias mãos a traçar as espirais inclinadas para a direita, favorecidas pelos praticantes do método Palmer. Oito rapazes e doze raparigas e, se não tinha faltado ninguém e ninguém tinha ido à casa de banho, ela seria o número vinte e um, não tão bom como um número primo, mas múltiplo de três e de sete, dois números da sorte. Com estes bons augúrios em mente, abriu a porta, marchou diretamente para junto da professora, entregando-lhe a nota do diretor, e ficou de pé, como um salgueiro suspenso sobre o seu ombro, para ler em silêncio ao mesmo tempo que ela. Todas as crianças tinham parado de escrever. A professora corrigiu a postura e estendeu-lhe a mão.

— Como estás, Norah Quinn? — perguntou num sussurro teatral. — Sou a senhora Patterson.

— Prazer em conhecê-la — respondeu Norah também num sussurro e apertou-lhe a mão, abanando-lhe o braço fino como um pistão.

A senhora Patterson soltou a mão e ficou ao lado da rapariga, enfrentando os vinte pares de olhos curiosos que espreitavam como se estivessem escondidos dentro de vinte capacetes.

— Meninos, apresento-vos a Norah Quinn, que estará connosco a partir de hoje. Não nos queres falar um pouco de ti, Norah?

Curiosas e prontas a julgá-la, as crianças endireitaram-se nas cadeiras, aguardando as palavras da nova criatura que entrava no seu meio.

— Tenho quase nove anos. Gosto de pássaros, na verdade, de tudo o que voe, e de leopardos. Não gosto de couves de Bruxelas. A última vez que me deram couves de Bruxelas despejei-as atrás do radiador quando ninguém estava a olhar.

Os meninos riram, mas o olhar fulminante da senhora Patterson foi reprovador.

— De onde és, Norah?

— Tenho vivido por todo o lado, aqui e acolá. Neste momento, vivo com a minha avó, a senhora Quinn.

A segunda explosão de gritinhos e gargalhadas não pôde ser suprimida com um simples olhar. A senhora Patterson bateu com os nós dos dedos na secretária.

— Meninos, muitas crianças vivem com os avós, por isso acho que não há desculpa para...

Dois rapazes na fila de trás apontaram para os sapatos velhos de Norah e partilharam um risinho cúmplice. Sentindo que podia perder o controlo para o resto do dia, a professora interrompeu a apresentação.

— Muito bem, meninos, voltem aos vossos círculos. Norah, tens ali um bom lugar, junto da janela.



— Se não lhe fizer diferença, senhora Patterson, preferia sentar-me lá atrás.

— Senta-te onde preferires. Espero que se apresentem à Norah durante o recreio e tenho a certeza que ficarão todos amigos num instante. Hoje não vamos lá para fora porque está demasiado frio.

De caminho para a quinta cadeira da terceira fila, parou para piscar o olho a Sean Fallon e, virando-se para a rapariga ao lado dele, perguntou:

— Tens uma caneta e papel a mais, Sharon?

Sem pensar, a rapariga pegou nos papéis e levantou a tampa da carteira, e só quando já lhe dera uma caneta é que se perguntou como é que aquela desconhecida sabia o seu nome.

— Sou capaz de ler ao contrário — explicou Norah, pousando o dedo na palavra Sharon escrita no canto superior direito da página.

A manhã passou tranquilamente até a campainha tocar para o almoço. A senhora Quinn não lhe embrulhara uma refeição, por isso Sean Fallon deu-lhe metade da sua sandes de doce de maçã em pão branco. Depois de contar os seus palitos salgados, Sharon Hopper deu-lhe metade. Gail Watts deu-lhe um pacotinho de leite que comprava por insistência da mãe e todos os dias deitava fora sem abrir. Mark Bellagio ofereceu-lhe a maior parte de uma tangerina. Dori Tilghman deu-lhe um biscoito de manteiga em forma de pedra angular.

— Chamam-se pensilvânicas — explicou a Norah, como se falasse com um estudante estrangeiro.

Na hierarquia da escola primária, a mesa deles estava afastada do círculo de popularidade. Embora não se pudessem considerar estranhos ou marginalizados, eram o grupo dos esquecidos e negligenciados. No refeitório subia e descia o murmúrio de cem vozes. Ouviam-se gargalhadas que logo se extinguíam. Do canto mais afastado veio um grito, prelúdio de uma perseguição em torno da mesa. Pernas de cadeiras guincharam no linóleo e um rapaz ruivo foi despejar o conteúdo do tabuleiro no caixote do lixo, tirou um livro do bolso e encostou-se à parede a ler. Noutra mesa, um engatão de meia-idade com um casaco de bombazina castanho pedia batatas fritas a um bando de fãs. Numa terceira direção, Norah avistou duas gémeas a lambereem pudim de colheres de plástico, espelhos perfeitos uma da outra. Por todo o lado, os alunos do terceiro ano trocavam histórias acerca dos amigos e colegas de turma, mas ela não conseguia seguir o sentido das conversas.

Quando o banquete terminou, Norah bateu com as mãos no tampo da mesa e agradeceu aos companheiros a sua generosidade. Rasgando um quadrado de um saco de papel castanho, dobrou-o num padrão intrincado e, dobrando os cantos sobre as aberturas fabricadas, soprou por um furiinho. Como um balão cheio, o papel expandiu-se num cubo oco, que ela

lançou ao ar com uma palmadinha. Sean observou o progresso da criação, hipnotizado com o truque. As crianças bateram-no à vez através da mesa, como se fosse uma bola de vôlei, e quando o cubo voltou para Norah, ela apanhou-o em voo, levou-o aos lábios, inclinou a cabeça e, com um sopro forte, fez rodar o cubo sobre um dos cantos, como um pião de faces quadradas, até que o senhor Taylor o apanhou do ar e o confiscou. Todas as crianças a aplaudiram quando, no momento em que ele virou as costas, ela lhe deitou a língua de fora, como uma bandeira de combate.

**E**nquanto a criança estava na escola, a senhora Quinn passeava pelas filas de roupa na secção de meninas do armazém G. C. Murphy. Os casacos de inverno já estavam em saldos depois do Natal, embora o pior da estação ainda estivesse para vir, e ela escolheu para Norah uma parka cinzenta, debruada com imitação de pelo de coelho. Depois de a escolher, ficou sem saber que mais lhe havia de comprar e acariciou melancolicamente os blusões de bombazina e as camisas de dormir de flanela, recordando. Tinham passado duas décadas desde que levara Erica ao Murphy; 1965. Nessa altura, era tudo mais simples, as roupas, as raparigas, tudo. A sombra da filha perseguiu-a pelos corredores — como ela gostava de fazer compras nessa época! De mão dada com a mãe, Erica dançava de expositor para expositor, cobiçando todas as cores vivas e desenhos vistosos.

Perdida no passado, Margaret não reparou no homem com casaco de pelo de camelo que a seguia pela loja, parando a alguns corredores de distância quando ela se detinha para avaliar os tamanhos. Passava o chapéu de uma mão para a outra, ansioso por ficar novamente debaixo da sua aba. Sempre que ela olhava na sua direção, imobilizava-se como um manequim e assim ficava até que outra peça brilhante voltasse a chamar a atenção dela. Óbvio pela sua mera presença ali, tornava-se invisível pela força de vontade. Confundia-se com o cenário geral e desaparecia no matagal de roupas penduradas.

Os outros poucos clientes eram mulheres como ela. Viúvas, talvez, seguramente avós, procurando presentes de aniversário ou pechinchas

para guardarem para o inverno seguinte. Arrastavam-se de caixa para caixa como que atordoadas e Margaret lia em cada rosto algum sofrimento e decepção, as suas esperanças e sonhos marcados com 40% de desconto. Perguntou-se se as outras viam a vergonha escrita nos seus olhos e coçou a testa. Caso tivessem dado por ela, deviam tê-la reconhecido como aquela mulher cuja filha fugira de casa, se metera em problemas e nunca mais voltara. Na época, tinham aparecido fotografias de Erica nos jornais e na televisão, e até Margaret e Paul tinham surgido uma vez na primeira página do jornal local. Mesmo que não recordassem as circunstâncias exatas, as mulheres saberiam instintivamente que ela partilhava o seu coração partido por perdas irrecuperáveis. A rapariguinha, porém, era o seu segredo, e agarrou-se a ele com todo o vigor da felicidade sem restrições. Margaret pegou na parca, escolheu rapidamente um gorro de malha, um cachecol e umas luvas em vermelho a condizer, pagou e saiu da loja. Pensou em passar pela florista Rosa Rossa para ver o vizinho, mas decidiu que, afinal, não lhe apetecia falar com ninguém.

Para chegar ao carro na Robinson Street, tinha de passar pelo restaurante onde ela e Erica costumavam parar para comer um gelado ou partilhar uma fatia de bolo de chocolate. O ar magoava-lhe as bochechas e ela sentiu-se, mais uma vez, irremediavelmente fatigada. Não lhe faria mal, pensou, ir lá dentro tomar um café e aquecer um pouco antes de regressar a casa. Às onze horas, o restaurante estava quase vazio e conseguiu arranjar um reservado onde a corrente de ar não a atingia. A decoração não mudara desde os anos 70, o mesmo chão de vinil rachado, os reservados bordeaux, os cromados esmaecidos até ao brilho de um espelho prateado; até os menus plastificados ofereciam as mesmas escolhas — só os preços eram diferentes desde a sua última visita. Uma empregada chegou enquanto Margaret consultava a ementa, tentando decidir se uma fatia de tarte lhe faria mal ao estômago. Sentia a presença da rapariga, com um uniforme num tom mostarda-escuro, o copo de água pousado com um ruído surdo, talheres embrulhados num guardanapo de papel a tombarem sem cerimónia no individual. Margaret ergueu o olhar apenas o tempo suficiente para ver a placa com o nome: Joyce.

— Que lhe posso trazer, querida?

*Traga-me a minha filha quando tinha nove anos.*

— Só café — disse Margaret. — E... não sei... qual é a tarte melhor hoje?

— Temos de maçã, arando, cereja, cereja amarga, pêssego, abóbora, merengue de limão, creme de banana, creme de coco, mas essa já cá está há mais de dois dias. Ninguém quer a de coco. Nesta altura do ano, nenhuma fruta é fresca, mas as maçãs da tarte de maçã são verdadeiras.

Ecoando através dos anos, a voz da rapariga registou-se-lhe finalmente na memória. Margaret conhecera-a noutra altura, e desviou instantaneamente o olhar, inspecionando as unhas.

— De cereja amarga, se faz favor. Uma fatia pequena.

Ficou a ver a empregada dirigir-se à cozinha, tal como olhava para todas as jovens, tentando identificar algum traço da filha nos seus rostos e figuras, uma pista da aparência que Erica teria agora, como se comportaria, o que poderia sentir ou pensar. Tentando deduzir as particularidades da vida de Erica pelo aspeto superficial das outras, não podia deixar de as analisar, os seus penteados leves, a moda efêmera da roupa *disco* de poliéster, a maneira como faziam os velhos parecerem invisíveis. As raparigas tinham mudado desde que ela fizera parte da tribo. Mais confortáveis com a sua sexualidade, não escondiam quase nada, não usavam ligas, sutiãs, cintas; eram abertas e descaradas. A rapariga regressou com um sorriso e pôs a caneca, o leite e o açúcar, uma triste fatia de tarte cujo recheio xaroposo brilhava como sangue.

— Desculpe — disse. — Parece-me que a conheço. Não é a mãe da Erica?

A senhora Quinn assentiu com o seu silêncio. A rapariga da escola secundária envelhecera uma década, mas claro que se lembrava bem dela. Quando Erica fugira, todas as suas amigas tinham desaparecido também. Tinham deixado de aparecer lá em casa, por isso os seus rostos tinham ficado congelados no tempo, mas ainda podia ver a adolescente de riso fácil nas feições preocupadas.

— Achei logo que era. Sou a Joyce. Joyce Waverly, mas deve lembrar-se de mim como Green, o meu nome de solteira. — Estendeu uma mão vermelha e gretada para mostrar a aliança de casamento e o anel de comprometida a condizer. — Andei no liceu com a Erica.

— Joyce Green. — Lembrava-se dela.

— Que bom vê-la. Importa-se que tire isto daqui? — Empurrou para o lado os sacos do armazém e sentou-se no reservado diante de Margaret.

— Agora sou casada — disse. — Há sete anos. Temos um rapaz e vem outro a caminho. Chama-se Jason, o meu filho. Não sei que nome vamos pôr a este, talvez Camião TIR, porque só dei por ele quando já estava em cima de mim. Como está, senhora Quinn? Como está a Erica? Há anos que não sei nada dela. Ainda vive no Oeste? Arizona, ou Novo México, não era? Não consigo imaginar a vida num país estrangeiro como esse.

— Ainda lá está — mentiu Margaret. Não fazia ideia de onde estava a filha naquele momento. — Vai bem.

A amiga da filha debruçou-se sobre a mesa e sussurrou:

— Ela conseguiu livrar-se dos problemas? Casou? Tem filhos?

A senhora Quinn sorveu o café.

— Só uma. Na verdade, veio passar uns tempos comigo. — Apontou para os sacos do armazém com a cabeça. — Acabei de ir ao armazém comprar umas roupas de inverno decentes para a pobrezinha...

— Gosto muito mais das roupas de menina que das de menino. — Joyce Waverly já começara a tirar coisas dos sacos. Ergueu a parca cinzenta e encostou o pelo falso de coelho à bochecha. — Não precisam muito de casacos nem de luvas lá no deserto, não é?

— São para a minha neta — disse Margaret orgulhosamente. — Norah. Norah Quinn.

O desconhecido no reservado junto da porta esperou pacientemente até a empregada o avistar e se dirigir a ele.

— Importa-se que lhe pergunte quem era aquela senhora? A que acabou de sair, com quem esteve a conversar?

— A senhora Quinn? — Joyce baixou o lápis e o bloco. O homem parecia simpático e respeitável, um pouco como o seu avô.

— Era o que eu pensava — disse. — Há anos que não a via.

— Eu também fiquei surpreendida de a ver. Conhecemo-nos há muito tempo. Eu era amiga da filha dela, a Erica, mas, depois de todo aquele problema, ela tornou-se uma espécie de eremita.

Ele tocou com um dedo na aba do chapéu pousado junto do açucareiro.

— Depois do problema.

— Deve lembrar-se — disse ela. — Pensaram que aquele rapaz, o Wiley, a tinha raptado, mas acho que fugiram juntos. Toda a gente na escola sabia que andavam juntos.

— Claro, o problema.

O azul gelado dos olhos dele trespassou-a, e imaginou como ele devia ter sido um jovem bonito. Ele manteve o olhar fixo nela e, no seu útero, o bebé pontapeou e sacudiu-se. O homem ergueu a mão e aproximou-a do volume da sua barriga.

— Posso? — perguntou, e quando ela assentiu, colocou a mão no ponto em que o bebé se remexia, e Joyce estremeceu de prazer quando o calor lhe atravessou a pele e se lhe espalhou por todo o corpo. O bebé por nascer aquietou-se como se ele o tivesse adormecido. Retirando a mão, ele voltou a encostar-se ao banco. — Então a minha velha amiga, senhora Quinn, andou às compras?

Perturbada, Joyce continuou a falar.

— Para a neta, que veio viver com ela por algum tempo.

— Neta! Não pode haver uma neta.

— Claro que há — disse Joyce. — Ela mostrou-me um casaco e um gorro novos. Para a Norah.

Ele riu para si mesmo. — Que lindo nome.

O bebé voltou a agitar-se ao som da sua voz, e um desejo malévolo encheu Joyce de um prazer culpado. Retorceu a aliança de casamento e olhou desesperadamente para a porta, perguntando-se se entraria alguém.

**D**urante uma divisão longa, enquanto a senhora Patterson calculava os restos no quadro, Sean passou o tempo a virar-se na cadeira para se assegurar de que Norah continuava acordada. Mesmo quando foi chamado ao quadro para mostrar como se dividia 400 por 6, continuou a verificar os progressos do cansaço dela. O ar húmido e atrofiante dos radiadores causava-lhe sonolência e ela esforçava-se para manter a cabeça levantada, apoiada na palma da mão. As pálpebras tremeram-lhe e depois fecharam-se num movimento lento. A cabeça deslizou-lhe da palma da mão, recuperou uma vez, até que não foi capaz de continuar a lutar contra o sono. A cada inspiração, o nariz dela assobiava e começou a ressonar baixinho, alheia a toda a matemática que se desenrolava à sua volta. Por um acordo tácito, todos a deixaram repousar até ao início da aula de artes. Sean acordou-a com um sussurro, um bloco e lápis de cor na mão, e ela implorou-lhe que se sentasse a seu lado, numa mesa sob a janela panorâmica.

Ela desenhou com mão rápida e segura, esboçando com alguns traços hábeis um leopardo tenso, pelo fulvo e manchado, dentes e presas como golpes furiosos. Agachada num canto da página, a gazela, captada numa fração de segundo do seu medo, as pernas dobradas, o pescoço torcido e a cabeça a descrever um quarto de volta atrasado em relação ao predador. Sean observou-a a desenhar, retesando o corpo como os músculos dos flancos da gazela. Cheirou-lhe a sangue e a medo. Abandonada ao desenho, Norah movia os lápis de cor com uma concentração grave. Uma vez acaba-



do o trabalho, empurrou o papel para o lado, pegou noutra folha, cortou-a em duas e começou a fazer-lhe dobras precisas.

A senhora Patterson fazia rondas por entre as crianças e ia parando para incentivar ou aconselhar cada uma delas. Quando chegou junto da janela e viu o que Norah estava a fazer, alterou o sistema e dirigiu-se rapidamente a ela, parando suficientemente perto para fazer sombra no tampo da mesa perfurado pelas esferográficas, paralisada pelo desenho do leopardo a preparar-se para o ataque e pelas delicadas manipulações da mão dela. Quando terminou de fazer as dobras, Norah pousou um *origami* em forma de grou ao lado do desenho e começou imediatamente a trabalhar noutro. Sem uma palavra, a senhora Patterson pegou no desenho, ergueu-o incrédula e voltou para a sua cadeira, diante da turma. Analisou a habilidade com que fora realizado, não parando de considerar o seu realismo, e perguntou em voz alta:

— Onde aprendeste a desenhar assim?

Norah não ergueu os olhos do *origami*.

— Sempre soube desenhar — respondeu, dobrando outra asa.

Toda a turma estava agora absorvida na dobragem que ela fazia de um terceiro pássaro. Quando acabou, alinhou-os na parte da frente da secretária, pôs-se de pé e debruçou-se, ficando com a cara apenas a alguns centímetros deles. Inspirou profundamente e soprou. Os pássaros de papel pareceram flutuar na atmosfera antes de caírem no chão. Cada um deles assentou perfeitamente em cima da sua base antes de se virar e tombar devido ao peso das asas. Sharon foi a primeira a bater palmas, seguiram-se Dori e Gail do outro lado da sala e, de repente, toda a turma estava de pé, aplaudindo e batendo com os pés, deliciados. Norah fitou diretamente a senhora Patterson, desafiando-a a acreditar, esperando que a professora sorrisse antes de ela própria lhe sorrir.

Norah observou Sean como ele a observara e, sempre que ele a sentia olhar na sua direção, estremecia e corava. Os solitários, tal como os loucos, reconhecem-se ao primeiro olhar. Ela percebeu-lhe o coração partido antes de saber a sua causa, e ele soube que ela percebera. Mais tarde, ela acerrou-se timidamente para que Sean a levasse a casa. Enquanto esperavam junto da porta, depois do toque, Sean perguntou:

— Como fizeste aquele truque com os pássaros de papel?

— É *origami*, não é um truque — respondeu ela. — Estamos à espera de quê? Está um gelo aqui fora.

— Gosto de deixar que os miúdos maiores se vão embora primeiro.

— Mantém-te ao meu lado. Não se vão meter contigo.

Ela pegou-lhe na mão e puxou, correndo e rindo enquanto irrompiam por entre grupos de crianças e os dispersavam. Depois de atravessarem a multidão, o ar frio levou-lhes o fôlego.

Alguém bateu com força na cerca metálica, fazendo-a tremer por inteiro, mas não se percebeu quem fora. Passaram por magotes de alunos que seguiam para casa ao longo dos passeios tranquilos, em direção ao vazio das três horas. Um cão ladrou, invisível, por trás de um portão alto de madeira e Norah mandou-o calar com um *Chiu* cortante. A distância entre as casas aumentava à medida que os terrenos da escola ficavam para trás e eles tomaram um atalho através do bosque, um caminho para bicicletas que seguia ao lado de um canal de drenagem com cerca de cem metros. Escondidos pela floresta despida de janeiro, ficavam invisíveis das ruas e dos olhos bisbilhoteiros. Normalmente Sean distraía-se em vários pontos do caminho, espreitando da berma para o riacho gelado, atirando pedras para quebrar o gelo ao longo das margens, ouvindo o queixume das árvores no vento em mutação. Quando estavam sozinhos, Norah estacou, olhou para um e outro lado do caminho e depois tirou um cigarro do bolso, segurando-o diante dele como se de um artefacto sagrado se tratasse. Descalçou a luva e pegou numa carteira de fósforos velha.

— Tu não vais fumar isso! — Sean arregalou os olhos. — Fumar atrofia o crescimento, é o que a minha mãe costuma dizer. Não queres ficar atrofiada, pois não?

A chama brilhou azul do enxofre e o cigarro já estava pendurado nos lábios dela.

— Costumava fumar um maço por dia — murmurou, acendendo-o. Apagou o fósforo e atirou-o para o chão. — Estou a brincar. Só queria mostrar-te isto... — Formando um O com os lábios, Norah expeliu um anel de fumo que se expandiu como uma onda num lago, e ela soprou outro anel que passou por dentro do primeiro e depois, rapidamente, exalou um longo trilho de fumo que passou através de ambos os anéis, como uma seta a perfurar um coração. Mostrando o seu deleite no tom agudo da voz, Sean perguntou:

— Onde aprendeste a fazer isso?

Com a ponta do sapato, ela apagou o cigarro e olhou para trás dele, para as nuvens finas e altas que se dispersavam pelo céu de inverno.

— Sei muitas coisas — disse ela e, percebendo o interesse que transparecia nos olhos dele, gritou e disparou através dos bosques, os sapatos a escorregarem na neve e na terra nua, e ele só a conseguiu apanhar quando chegaram à cerca das traseiras do pátio da senhora Quinn. Numa curva cega estiveram quase a chocar e, quando o sentiu a agarrar-lhe os ombros, Norah gritou, riu e voltou a gritar, e ele viu estrelas brilharem no fundo da garganta dela.

**T**endo superado a parte mais difícil do seu ardil, a primeira, Margaret e Norah estavam ansiosas pelo primeiro fim de semana juntas, que viam como uma possibilidade de abrandarem o ritmo e de se conhecerem melhor. Quando o sábado chegou, a rapariga irrompeu pelo quarto da mulher com o pequeno-almoço, torradas queimadas e café forte, e sentou-se aos pés da cama enquanto Margaret mastigava e bebia, simulando deleite nos lábios franzidos. Depois, Norah levou a bandeja e lavou a loiça enquanto Margaret tomava banho e se arranjava. A conversa, algo que lhe faltara durante anos, encheu a casa, perguntas acerca da escola e dos amigos, e como o rapaz Fallon acabara por se revelar tão simpático.

Passos pesados no alpendre, a sacudir a neve das botas, anunciaram a presença de visitas antes da primeira batida na porta. Norah surpreendeu o casal do outro lado da porta quando eles tiravam os casacos e as luvas. O homem, com um gorro de lã na cabeça calva, parecia embaraçado por ter sido descoberto, mas a mulher esticou o pescoço para ver melhor a menina.

— Sou a senhora Delarosa — apresentou-se. — Somos vossos vizinhos. Este é o meu marido, Pasquale.

— Olá, menina — cumprimentou ele, estendendo-lhe a mão. — Todos me chamam Pat. Como te chamas?

Simonetta bateu-lhe no cotovelo, um sinal para que se calasse.

— A senhora Quinn está em casa?

— Avó! — gritou Norah para a cozinha. — Os vizinhos do lado vieram visitar-nos.

Esperou um pouco e, como Margaret não chegou logo, Norah foi a correr lá atrás e encontrou-a, corada e indecisa, com dificuldade em se levantar da poltrona.

— Faz como eu fizer — sussurrou à sua jovem confederada.

Aguardando pacientemente no átrio, os Delarosa fizeram-lhe um cumprimento caloroso. Simonetta entregou-lhe um cesto de vime com queques acabados de fazer. Pat apresentou um ramo de lírios do Peru, realçados por papoilas cor de laranja.

— Pat, Simonetta — disse Margaret enquanto os convidava a entrar. — Onde arranjam estas flores a meio do inverno?

— São de mirtilo? — Norah espreitou por baixo do pano de xadrez.

— É a minha neta, Norah.

Levando a mão à boca, Simonetta parecia à beira das lágrimas.

— Então ela voltou para si, depois de todo este tempo. Rezámos por vocês todos os domingos, e agora a Erica voltou para casa. Onde está ela?

— Não, só veio a filha. Norah, apresento-te os senhores Delarosa.

— Muito prazer.

— Oh! — O entusiasmo de Simonetta mudou de direção. — Que menina adorável. Deve estar tão feliz!

Pat Delarosa entregou o ramo de flores e aproximou-se.

— Esquece-se que tenho uma loja de flores. As flores chegam de todas as partes do mundo.

— Rezam todos os domingos? — perguntou Norah.

Dobrando-se para ficar ao nível do olhar da criança, Simonetta pegou-lhe nas mãos.

— Pela tua avó e pela tua mãe.

As mulheres retiraram-se para a cozinha, para fazer mais café. Houve explicações sobre os queques de arando e elaborações da história que Margaret preparara para o diretor da escola.

Na sala de estar, Norah admirava o arranjo de flores na jarra.

— Astromélias — disse-lhe Pat. — Não digas à tua avó, a verdade é que tinha demasiadas na loja.

— Ela não se importa. Fica feliz com quaisquer umas.

— Olha. Vou mostrar-te uma coisa. Vou mostrar-te uma coisa que nunca viste. Este tipo de lírio está invertido no fundo. — Apontou as folhas ressupinas. — Então, na verdade, a parte de baixo é a de cima, e a de cima é a de baixo.

— As coisas nem sempre são o que parecem.

— Tens uma favorita?

— Uma flor?

— A tua mãe gostava do aroma do jasmim. Conheci-a quando era uma menina da tua idade.

— Era parecida comigo?

Pat meditou na questão, analisando-a como que pela primeira vez e procurando recordar-se dos seus primeiros encontros com Érica.

— Era esperta e querida como tu. E amigável, como tu. E era a menina dos olhos de Paul, o pai dela, que não chegaste a conhecer. Uma boa rapariga, foi uma pena o que aconteceu.

— A minha avó ficou muito triste quando a minha mãe se foi embora?

— Triste? Ficou destroçada. — Apercebeu-se da brusquidão desta confissão. — Não, quero dizer... claro que ficou triste. Mas agora está contente por estares aqui. — Afastando-se do olhar da criança, dirigiu-se à janela e olhou para o relvado gelado, juntando as mãos ásperas, como que preocupado. A menina, em vez de se aproximar dele, manteve-se junto das flores, cujo aroma se intensificava no calor da sala. — Desculpa — disse ele por fim. — Não queria levantar estes assuntos, mas nós preocupamo-nos com a tua avó, uma mulher sozinha, contando só com ela. Eu mantenho-me atento, e a minha mulher também. Mas sabes que ela não é muito de pedir e, desde aquilo da tua mãe, guarda os sentimentos para si.

Norah veio por trás dele e instalou-se a seu lado, fitando o agreste cenário invernal. — O senhor toma conta dela.

— Como qualquer bom vizinho. Afinal, para que servem os vizinhos? Ultimamente, ela não sai muito, isso preocupa-me.

— O senhor cuida da segurança dela.

— Como na outra noite. — Apontou com o queixo o outro lado do vidro. — A Simonetta ouviu qualquer coisa a meio da noite. Eu estava a dormir profundamente. Mas ela chamou, Pat, Pat, e fez-me sair da cama para espreitar pela janela, e eu não vi nada. Ela dizia que estava alguém no pátio. Um homem? Não é bem um homem, é mais uma *ombra*. Um espírito, talvez. A Simonetta ficou abalada e não conseguiu dormir, por isso não sei.

Leu o medo no rosto da menina e inclinou-se para lhe falar em voz baixa.

— Não fiques muito preocupada com o que ela diz que vê. É do velho continente, é supersticiosa. Não importa o que diz que viu, é só para saberes que qualquer barulho aqui a deixa preocupada. Depois vimos-te chegar com o rapaz e decidimos vir ver com os nossos olhos. Sabes, toda a gente gosta de um mistério.

Ela estendeu uma mão e tocou-lhe no braço.

— Até o mistério ser resolvido.

Ao princípio, o toque alarmou-o, devido à avassaladora sensação de rejuvenescimento que sentiu com a leve pressão da mão dela. A maioria das

crianças nem se atrevia a aproximar-se dele, e ele só percebeu a sensação nessa noite, deitado na cama com Simonetta, contando-lhe histórias dos dias livres e felizes da sua infância, histórias que há muito esquecera. De manhã acordou alarmado, com a almofada molhada no sítio onde os seus sonhos o tinham levado às lágrimas.

Todas as noites, ao jantar, reviam as mentiras necessárias para proteger a sua história.

— Não debes dizer que és órfã — começou a senhora Quinn nesse domingo. — És filha da minha filha, que te mandou para aqui enquanto tenta reorganizar a sua vida depois de um casamento desfeito.

— Vou fazer um ar triste quando falar do meu pai. — Norah inclinou a cabeça para o puré de batata.

— O que vais fazer é portares-te bem. Não te afares da nossa história. A tua mãe está no Novo México, para pôr os seus assuntos em ordem.

— Foi isso que estragou o casamento? Os assuntos?

Um sorriso malévolos iluminou-lhe o rosto.

— Sim, os *dele*. Não, tu não podes saber. A única coisa que sabes é que a tua mãe achou melhor, dadas as circunstâncias, que eu cuidasse de ti por algum tempo, e manda-te voltar quando estiver organizada.

Norah espetou o garfo num brócolo, considerou a sua semelhança com uma árvore no verão, e meteu-o inteiro na boca. Mastigou-o enquanto a senhora Quinn magicava o resto da história.

— Não posso explicar a tua presença sem explicar a ausência dela, e não sou capaz de o dizer.

— Que nunca mais teve notícias dela?

— Que tive notícias dela duas vezes desde que se foi embora. — Levantou-se da cadeira, gemendo com as dores nos joelhos, e saiu da sala. Fitando o espaço vazio do outro lado da mesa, Norah barrou manteiga num

biscoito e saboreou cada migalha. Margaret voltou, segurando um envelope de encontro ao peito e, com grande cerimónia, abriu-o e despejou dois itens na toalha da mesa. Um postal ficou de pé sobre o lado mais estreito e depois tombou, e uma folha de papel fino acertou no rebordo do copo e flutuou como uma folha de árvore para o chão. Margaret não teria ficado mais espantada se tivesse quebrado uma jarra, por isso Norah apanhou o papel e encostou-se ao ombro da mulher para ler com ela.

— Obrigada. Este postal chegou algumas semanas depois de ela partir, e podes ver que vem de Memphis. — A imagem do postal tinha a legenda *Cemitério Histórico de Elmwood*. — Por que diabo alguém mandaria um postal de um cemitério, não sei, mas fiquei tão grata por o receber, embora o meu marido tivesse ficado furioso. A Erica achava que estava apaixonada. O Paul jurou que ia apanhar um avião para lá imediatamente e não pude fazer nada para o impedir. — Uma recordação fê-la interromper a frase. Pegou na carta e começou a lê-la em silêncio. — Eles já tinham partido há muito tempo. Não recebemos nada até chegar isto, quatro anos depois. O Paul já tinha morrido e eu perdera todas as esperanças, bem, quase todas e, então, chegou isto. Sem endereço do remetente, só uma menção à cidade de Madrid, e, claro, pensei em Espanha. Quem não teria pensado?

— Espanha parece totalmente lógico.

— Mas esta Madrid é uma cidade minúscula no Novo México. Ao princípio, pensei entregar a carta ao FBI, sobretudo depois de aquele homem ter levado um tiro, mas ela teria sido detida e acabaria na prisão, por isso escondi a carta. Ninguém sabe. Eu tinha demasiado medo de falar.

Sem uma palavra, Norah deu uma palmadinha na mão da senhora Quinn e foi ao quarto buscar o Atlas. O livro tapava-lhe o corpo do nariz ao umbigo e, quando o pousou na mesa, uma nuvem de poeira ergueu-se e assentou como lama.

— Há a velha York e Nova Iorque. Londres e Nova Londres. Atenas, na Geórgia, e Atenas na Grécia. Há pelo menos quarenta e duas Springfields — recitou enquanto folheava o livro. — Quem se lembraria de procurar Madrid no Novo México? — Encontrou os vetores e deu com o local exato. — Exatamente no centro do meio de nenhures. — Norah apontou um local no mapa, mais ou menos a meio caminho entre Albuquerque e Santa Fé, e leu em voz alta a legenda escrita ao longo da estrada. — O Trilho Turquesa, não parece tão bonito? Se sabe onde ela está, porque não vai visitá-la?

— Quem sabe se ainda estará lá? E quem sabe se quer voltar a ver-me? Durante este tempo todo, não fez nenhum esforço para isso. É suficiente saber que esteve lá. Posso pensar que está viva e bem.

— Mas é mãe dela...



— Ela não me quer. Se até agora não me disse que a fosse ver, é porque não me quer na sua vida.

— Mas devia ir, enquanto pode.

— Já chega por hoje. Só falei disto para podermos organizar bem as nossas histórias. O teu jantar está a arrefecer.

Fizeram uma trégua e acabaram a refeição em silêncio. Mais tarde, lado a lado, lavaram e enxugaram os pratos e, depois do banho, Norah enrolou o corpo pequeno ao lado de Margaret, no sofá, e leram juntas sob um círculo de luz até à hora de dormir. Muito depois da meia-noite, Norah desceu as escadas em silêncio, encontrou as cartas dentro do Atlas, na página do Novo México, e leu cada palavra à luz das estrelas. Quando acabou, meteu-as no mesmo sítio, fechou o livro e começou a chorar. Lá fora, ao luar, aquele que observava a casa aconchegou o casaco de pelo de camelo e foi-se embora.

**E**m Washington, o mau tempo obrigou a realizar dentro de casa as cerimónias da segunda tomada de posse do presidente Reagan. Nessa noite, os noticiários televisivos mostraram ruas vazias, sacos de plástico chicoteados pelo vento ao longo dos passeios, as tribunas silenciosas a não ser pelo bater das bandeiras. Não houve juramento no pórtico do Capitólio. Nenhuma marcha pela Pennsylvania Avenue. Nenhuma cidade fulgurante no cimo de uma colina. Apenas o frio desolador.

O telefone tocou na sala de estar dos Quinn, uma ocorrência rara, ainda mais à noite. Norah atendeu e disse olá.

— Peço desculpa, devo ter-me enganado — disse uma voz.

— Com quem queria falar?

— Margaret Quinn. Era capaz de jurar...

— Oh, ela está aqui. Ligou para o número certo. Quem está ao telefone?

— Chamo-me Diane Cicogna. Com quem estou a falar?

— Com a neta dela, Norah Quinn.

— Neta? — Uma longa pausa. — Diz à tua avó que a irmã está ao telefone.

Antes de falar, Margaret encostou o auscultador ao peito, pensando no que havia de dizer. Com um gesto, mandou Norah para a sala, onde não as podia ouvir, para assistir ao resto da reportagem.

— Diane, já devia saber que ias ligar para te lamentares. É um dia triste. Como é possível deixarem que um bocadinho de frio...

Norah aproximou o dedo do ecrã, com o intuito de tocar no rosto de Reagan, mas quando já estava muito perto, foi atingida pela eletricidade estática. Recostou-se e examinou o meio sorriso dele. Parecia compreender o que estava a fazer e a desfrutar de alguma tremenda anedota pessoal perante o resto das pessoas, com o tom da sua voz e a inclinação da cabeça, o olhar cheio de ilusões e a poupa brilhante. Mais imagens de Washington como uma cidade fantasma, acompanhada de música patriótica enquanto passava a ficha técnica.

Começou um concurso. Três pessoas recebiam uma resposta e tinham de elaborar a pergunta correta, um conceito que atraiu a sua natureza filosófica, até perceber que havia apenas uma solução. Seria muito mais interessante se houvesse uma multiplicidade de perguntas corretas, como na vida real, onde para cada pergunta existia um número infinito de respostas possíveis, dependendo inteiramente de para onde se queria dirigir a conversa. Margaret ficou ao telefone durante todo o programa e quando o concurso acabou, Norah desligou a televisão para escutar.

— Não disse nada, porque aconteceu de repente... Não, ela simplesmente apareceu aqui uma noite... não, não tem intenção de voltar para casa... claro que não me importo nada, ela é uma querida... Não sei quando é que a Erica a vai mandar voltar, não sei se alguma vez o fará, ainda não está decidido.

Uma longa pausa. Norah ouvia uma vozinha a gritar do outro lado.

— Está bem, está bem — disse Margaret. — Mas não é necessário. Não, não, não. Não me importo. Vem. És sempre bem-vinda. Não, vem, ótimo. No próximo mês. Vais adorá-la.

Uma pausa ainda maior, e uma voz ainda mais animada.

— Até estou doente com isto. Um falso como ele, como é que alguém pode ter votado...

Quando finalmente entrou na sala, a senhora Quinn parecia mais velha, a alegria das últimas duas semanas escorrera-lhe para fora das feições. Parecia tão cansada como na noite em que Norah lhe chegara à porta, mas ao voltar a ver a criança, o rosto iluminou-se-lhe e sorriu, embora não conseguisse afastar completamente as suas preocupações. Sentou-se no sofá ao lado de Norah e olhou para a televisão desligada.

— Quando atendi, não sabia que era a sua irmã.

— Assim, ficaram empatadas. Ela não sabia que eu tinha uma neta para me atender os telefonemas. Temos de ter cuidado com ela.

— Como um leopardo. Usaremos as nossas manchas para nos camuflarmos nas sombras.

Margaret assentiu.

— Algo assim. Ela vem visitar-nos por alguns dias em fevereiro, e aca-

bei de passar um bocado difícil com ela. É muito desconfiada. Cética de nascimento.

Aconchegando um xaile nos ombros, Norah enrolou-se como uma bola e repousou a cabeça no colo da senhora Quinn. A mulher suspirou e começou a acariciar-lhe o cabelo, enquanto o tiquetaque de um relógio media o seu silêncio. Não conseguia imaginar a sua vida sem a presença da criança e perguntava-se como conseguira suportar o vazio que antecederá a sua chegada. Não era só o conforto de haver outra respiração em casa, nem o som dos passos a meio da noite quando ela ia sorrateiramente à casa de banho, não era o mero facto da sua existência. A impostura era mais que um jogo; era uma forma de conquistar algum domínio sobre algo que lhe parecera cruel e arbitrário. Questionou a sua consciência pela milésima vez e resolveu, para sua satisfação, que tinha direito a reivindicar a rapariga, tal como a rapariga parecera reivindicá-la, sendo, cada uma, uma necessidade para a outra.

Quando Norah finalmente falou, o seu tom refletia uma mudança de humor.

— Gostava de convidar o Sean Fallon para nos visitar. Talvez depois da escola, ou no sábado.

— Ele podia vir brincar e ficar para jantar.

— Acho que se estiver aqui outra criança, a minha tia acreditará mais facilmente, e posso praticar chamar-lhe avó com ele a assistir.

Margaret riu-se e deu-lhe uma palmadinha no ombro, para a mandar levantar-se.

— Tens uma mente perversa, Norah Quinn.

**T**omaram-se de amores por ela. Cada dia revelava um aspeto novo da sua personalidade, que fazia as crianças do terceiro ano da escola Friendship perguntarem-se que estranha criatura aterroraria no meio delas. Eram abundantes as maravilhas diárias. Ela parecia saber exatamente que perguntas fazer à senhora Patterson para tornar as aulas claras e as discussões animadas. Um teste de surpresa produziu o resultado inesperado de notas excelentes para todos, uma anomalia que manteve a professora perplexa bem para além do segundo cocktail dessa noite. Um concurso de ortografia continuou muito depois da hora marcada, sem que nenhuma criança fosse eliminada, nem mesmo os rapazes recalcitrantes que nem os seus nomes sabiam soletrar corretamente. Quando a senhora Patterson pediu voluntários para uma leitura teatral, houve um excesso de mãos ansiosas no ar. A professora apercebeu-se de tudo, da rápida mudança de disposição a seguir à chegada da rapariga, da diferença entre os sedimentos pós-natalícios e a inesperada espuma que antecedeu a primavera. Inimigos declarados enterraram as físgas. Não houve atos de violência, nenhum assédio aos mais fracos, nenhum insulto arbitrário ou gratuito ao grupinho dominante. Abateu-se sobre eles uma espécie de harmonia, e as outras crianças reconheceram as mudanças trazidas pela aluna nova, que os desconcertava com o seu desejo simples e sincero de aprender. O seu sorriso retorcido conferiu ao mês de janeiro um brilho de alegria, como se ela tivesse luz por dentro e pudesse destruir a escuridão. Ficou rapidamente amiga de Sharon Hopper, Gail Watts e Dori Tilghman, e levava-lhes

tacinhas de manteiga de amendoim ou bolachas de aveia e passas ou, uma vez, vestidos de bonecas resgatados dos tesouros escondidos em casa dos Quinn. No ginásio coberto, era a única aluna do terceiro ano capaz de encostar a três metros de altura e, quando jogavam ao mata, a força do seu lançamento punha todos os rapazes em sentido. E, contudo, toda a gente sentia uma gentileza interior em Norah, uma ausência de malícia nas palavras e nos atos e, mais que qualquer outra qualidade, era esta que consideravam uma verdadeira virtude e que mais os atraía, mesmo contrariando as suas naturezas egoístas.

Também a senhora Quinn se tomou de amores por ela. Encantada com a rapariga e feliz com a sua companhia, sentiu-se imediatamente à vontade junto de Norah, como se a criança representasse uma segunda oportunidade de ser a mãe que sempre quisera ser. A simples visão do cabelo emaranhado da rapariga ou dos seus óculos embaciados provocava-lhe um arrepio, e quando o rapaz começou a visitá-las, sentiu-se mais abençoada do que merecia. Inquietante ao princípio, o som das suas vozes estremecia pela casa, os murmúrios acerca dos trabalhos de casa e das aulas, e de outras raparigas e rapazes do terceiro ano, as discussões durante as brincadeiras, os guinchos, gritos e gargalhadas. O choque da televisão ou da rádio às quatro da tarde. Que razão levara Erica a correr para casa naquela idade? A telenovela dos vampiros? *Dark Shadows*? Os sinais da presença deles contaminavam a complacência habitual — casacos nos bengaleiros, botas a criar poças de água junto das portas, bandas desenhadas dos jornais lidas e postas de lado. Dois pratos de migalhas, copos manchados de leite. Cascas de bananas e de tangerinas, caroços de maçãs, cachos de uvas reduzidos ao esqueleto. Margaret andava sempre a apanhar o lixo deles, a reordenar os seus costumes.

E, contudo, quando Norah estava na escola, a ausência de emoções perturbava o novo equilíbrio. Andava de sala para sala, ouvindo o eco das gargalhadas infantis, antecipando um estrondo no teto, uma luz nas escadas, a porta principal a abrir-se e a bater na parede, anunciando a chegada deles, e ela recebia-os todos os dias com um alívio silencioso, a alegria no seu coração ao mais breve dos seus sorrisos. Tanto quanto desejava livrar-se deles, ansiava por eles quando não estavam.

A seguir a um leite com chocolate ou a uma maçã cortada em quartos, atacavam o trabalho de casa. Sean sabia, devido a qualquer giroscópio do lado esquerdo do cérebro, todas as respostas de Matemática, a diferença imediata entre rochas ígneas, sedimentares e metamórficas, as datas e lugares de todas as batalhas na Pensilvânia durante a Guerra Franco-Indígena. Norah conhecia a magia da perspectiva do ponto de convergência, onde as sombras se projetavam nas obras de arte de acordo com a posição do Sol,

como desenhar sem hesitação o ponto de confluência de três rios — Ohio, Allegheny e Monongahela — e distinguir numa ilustração o que para Sean eram flores ou pássaros idênticos. Ajudavam-se um ao outro através de sugestões, interrogatórios competitivos e lisonjas.

Concluídos os deveres, começavam as brincadeiras. Desde a história dos anéis de fumo e da reação perplexa dele, ela abrandara o ritmo, atraíra-o à sua confiança com jogos mais vulgares, e ele desfrutava da sua atenção e companhia.

Norah preferia as brincadeiras ao ar livre, mesmo em pleno janeiro, fazer bonecos de neve, partir grandes pingentes de gelo dos beirais e esquivar-se de um salto quando as pontas ameaçavam empalá-los, andar perigosamente de trenó, fazer lutas de bolas de neve, a excitação de sentir frio para além de qualquer cuidado. Por seu lado, Sean preferia estar quente e à mesa, só eles os dois, onde podia ensinar-lhe jogos de tabuleiro. Ele revelou-lhe o truque do jogo do galo, desvendou-lhe as estratégias das damas, o raciocínio divertido do xadrez, e em duas semanas ela já ganhava ao mestre metade das vezes. Como não tinha irmãos, Sean trazia todos os jogos que lhe tinham dado e que poucas vezes tivera ocasião de jogar. Resolveram os mistérios do Cluedo, dominaram a mecânica de Rube Goldberg do Jogo da Ratoeira e empreenderam maratonas de Monopólio, que duravam horas ao longo de vários dias. Quando se fartaram dos jogos dele, saquearam o armário do andar de cima e, cheios de entusiasmo, jogaram o Jogo da Vida, gamão e, uma vez, por razões nostálgicas, um *Uncle Wiggily*. O tesouro, porém, encontrava-se no sótão, sob uma camada de poeira.

Numa caixa colorida e quebradiça estava o *Tip It*, um jogo de equilíbrio. Os jogadores tinham de retirar um único disco colorido de uma de três pilhas, enquanto mantinham equilibrado um acrobata de plástico — chamavam-lhe Mr. Tipps — que tinha a ponta do nariz pousada no cimo de uma vareta, por sua vez equilibrada num suporte. Dependendo da sorte e do acaso, o vencedor era o que não fazia cair o Mr. Tipps, o que resultava em mandar a geringonça toda ao chão. Às cinco da tarde tinham chegado outra vez ao momento crucial. Sean ganhara três vezes seguidas e tirara um disco amarelo, evitando por pouco que o boneco tombasse. O silêncio e a astúcia ultrapassaram todas as noções de desportivismo; passou-lhe a roleta com satisfação e ela, igualmente certa de que qualquer movimento podia ser nefasto, deu um piparote no ponteiro, que rodopiou como doido e foi parar no azul. Ela pegou no gancho de plástico e apontou-o a Sean.

— Sabes que vais ganhar, faça eu o que fizer. Porque continuas a torturar-me?

— Vá, continua — mandou ele. Deu-se conta do que dissera, engoliu em seco e sorriu. — Nunca se sabe. Se tiveres muito cuidado...

— Sempre posso tentar. — Estava sentada no chão, de pernas cruzadas e, sem mudar de posição, inclinou-se para a frente e introduziu o gancho por baixo dos discos contrários à inclinação da vareta, mantendo o Mr. Tipps perto do nariz. Com paciência de santo, ergueu o disco azul, e o acrobata de plástico rodopiou como um cata-vento até abrandar num equilíbrio improvável.

— Fizeste batota! — gritou Sean. — É impossível, não há peso suficiente desse lado. Sopraste-lhe.

Ela ainda tinha a boca com a forma de um O. Fitando-o intensamente, juntou os lábios, mas o acrobata recusou-se a cair e, fechando os olhos, Norah fez um novo círculo e começou a soprar suavemente. O Mr. Tipps cambaleou, a vareta estremeceu e dobrou-se ligeiramente antes de voltar para o centro e se deter a 90°, e ela soprou mais uma vez, sem mais força que a necessária para soprar as sementes de um dente-de-leão, e quando o acrobata se endireitou e ficou equilibrado, ela aspirou, com o vento a assoviar. O Mr. Tipps começou a rodar no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, cada vez mais rapidamente, até que Sean ficou tonto só de olhar. Quando ela cerrou os lábios, todo o brinquedo caiu no chão da sala de estar.

— Os rabis dizem que, a cada respiração, Deus exala um anjo. — Norah recolheu as peças e guardou-as na caixa.

— Como fizeste isso? — perguntou ele, ansioso por saber a verdade.

O boneco de plástico estava deitado na mão dela. Segurando-o pela cabeça, levantou-o e equilibrou-lhe o nariz nas pontas dos dedos.

— A irmã da minha avó chega este fim de semana. Ela não acreditará se não tiver provas.

Soprando devagarinho, fez o Mr. Tipps rodar sobre o dedo e depois arrumou o acrobata dentro da caixa, colocou-lhe a tampa e guardou o jogo debaixo da mesa do café. Embora a luz da tarde tivesse enfraquecido, ela via o deleite puro de Sean. Norah acendeu um candeeiro, a sua mão e o rosto subitamente radiantes, e refletiu a luz sobre o amigo.

— Temos de convencer a tia Diane de que eu sou a verdadeira Norah Quinn.

— Mas tu és a Norah Quinn.

— Ela não sabe, e quero que tu sejas o meu valente aliado. Sócios?

Cuspiu na palma da mão e estendeu-a; ele fez o mesmo e deram um aperto de mão rápido.

— E preciso de um espião para descobrir mais informações acerca de Erica Quinn. Achas que és capaz?

Um sorriso malicioso brilhou no rosto dele.

— Com todo o gosto.



**A**dor, um incómodo profundo que lhe percorreu os ossos, começou nas pontas dos dedos das mãos e dos pés e espalhou-se-lhe pelos membros, atravessou a caixa torácica como se fosse eletricidade estática, subiu-lhe pela coluna e tornou-lhe rígidas as vértebras do pescoço. Margaret não se atreveu a mexer-se, mas quando sentiu o maxilar deslocar-se e o fogo lhe chegou ao crânio, a sua expressão denunciou o tumulto interior através das rugas profundas na testa e do pânico nos olhos. Norah estivera a observá-la sub-repticiamente, levantando de vez em quando o olhar do livro, até que não aguentou mais.

— Passa-se alguma coisa?

— Estou um bocadinho rígida — disse Margaret, pronunciando as palavras com dificuldade. — Este inverno deu cabo de mim. Não costumava estar tanto frio.

— Quer que lhe vá buscar alguma coisa? Vai ficar bem?

Margaret murmurou uma resposta pouco clara. Até as palavras ficaram presas atrás dos seus lábios, apanhadas pela dor que parecia chegar até aos dentes. Pela primeira vez, ficou preocupada com os sintomas da sua doença e desejou poder inquirir Paul acerca da misteriosa dor que ameaçava destruí-la. Pousando o livro com as páginas para baixo em cima da mesa, Norah levantou-se e, sem dizer palavra, foi rapidamente para a cozinha. Sozinha com o seu sofrimento, Margaret fez uma careta e imaginou que medidas cautelares tomaria a irmã se a encontrasse a sofrer assim. Ela não queria confusões. Enchendo-se de coragem, empurrou os dedos dos pés de

encontro ao chão e fletiu as solas dos pés, depois abriu os dedos, esperando libertar a pressão através da força de vontade. Na cozinha, uma caçarola chocalhou sobre o fogão e Norah cantarolou enquanto examinava o armário das especiarias. *Pelo menos, a rapariga está aqui*, pensou Margaret, *e não terei de morrer sozinha*.

A ideia surpreendeu-a com a sua súbita clareza e desviou-lhe a atenção da dor no interior dos ossos para as verdadeiras razões por trás das suas mentiras em relação à criança abandonada. Penitente e confessor, perdoou-se a si mesma e afastou o pensamento, grata por este ter eliminado a dor e restaurado a sua sensação anterior. Quando a criança voltou com uma caneca na mão, conseguiu movimentar-se com facilidade e aceitar aquele toque de conforto. O leite quente exalava um aroma de cardamomo e canela.

— A minha poção especial para dormir — informou Norah.

Margaret soprou à superfície e sorveu o líquido.

— Delicioso. Que lhe puseste?

— Receita de família. Não vai demorar a sentir-se melhor e, se não for já para a cama, acabará a dormir no sofá.

Norah ajoelhou-se no chão ao lado dela e continuou a ler tranquilamente, enquanto Margaret segurava a bebida.

Não tardou a sentir uma agradável sonolência e deu por si meia a sonhar, aturdida pela confluência de imagens que se lhe misturavam na consciência. Sean, soprando como um gato enquanto perseguia Norah de uma sala para a outra, transformou-se num rapaz que ela amara, a correr atrás dela, jovem, num cerejal. Diane, com quatro ou cinco anos, segurava-lhe a mão enquanto atravessavam rapidamente a areia quente para abraçar o mar refrescante. A caminhada de luto pelo mundo, sobre as colinas e os vales, a longa jornada solitária com uma centena de coisas para dizer à filha desaparecida, desejando no seu sonho que ela estivesse em casa. Através da névoa, Margaret viu a criança a ler de joelhos.

— Se trancares a porta e cuidares da casa, vou para a cama agora. Estou cansada. — Ela podia confiar na menina para seguir instruções e, fosse como fosse, Paul estava no escritório a ordenar os documentos dos doentes. — Boa-noite, Erica.

Sem a corrigir, a menina estendeu as mãos para ajudar Margaret a levantar-se do sofá e beijou-a com delicadeza na face lívida. Lentamente, a mulher encaminhou-se para a cama e para os seus sonhos. Norah apagou o candeeiro e, no escuro, pensou que talvez tivesse chegado demasiado tarde para salvar alguém.

Lá em cima, horas depois de Margaret ter ido para a cama, Norah abriu a porta do quarto da mulher para espreitar o seu sono, e viu-a com os

cobertores puxados até ao queixo e uma manta adicional atravessada por cima, como uma mortalha. A escuridão obscurecia-lhe as feições, mas o corpo permanecia quieto, a não ser pela suave elevação dos seus ombros a cada respiração. Iluminada pela lâmpada do corredor, a sua mão esquerda repousava sobre os lençóis, junto do queixo. Uma trama de veias serpenteava-lhe sob a pele, sob os seus dedos longos e elegantes e a aliança de casamento, que ainda usava. Certificada de que a mulher estava tranquila, Norah voltou a descer as escadas, tirou a parca do bengaleiro e saiu para a noite.

Ar gelado atacava cada abertura, picava-lhe os olhos e os ouvidos, introduzia-se-lhe no cérebro através das fossas nasais e, a cada respiração, entrava-lhe mais profundamente nos pulmões. Lançou a cabeça para trás, para observar as estrelas, brilhantes e nítidas. Cada expiração formava uma nuvenzinha que se dissipava em escuridão. Norah tombou de joelhos, inclinou-se para a frente até a testa tocar no chão e o capuz caiu-lhe sobre a cabeça enquanto rezava. Aquele que a seguia saiu do seu esconderijo e aproximou-se, escondido entre os espinhos dos roseirais nus ao longo da propriedade dos Delarosa. O perigo sussurrou-lhe aos ouvidos, a ameaça eriçou-lhe os pelos curtos dos braços, mas manteve-se concentrada na oração.

Não muito longe do sítio onde ela se prostrara, Sean Fallon acordou de um pesadelo. Estivera a atravessar uma savana aberta e seca, com o sol africano a ferir-lhe os olhos, e teve de se esforçar para ver, através das ondas de calor, a maravilha das maravilhas: zebras e gnus até ao horizonte, garças pousadas nos seus dorsos empoeirados e nuvenzinhas de pó que se levantavam quando os animais caminhavam sob um doloroso céu azul. Nos extremos da planície crescia um velho baobá, uma sentinela retorcida e nodosa nas ervas altas e secas; por baixo dos ramos, caídos junto da base do tronco, estavam os seus frutos. O rugido baixo do felino veio de cima, e ele virou-se a tempo de ver os olhos amarelos e enlouquecidos a destacarem-se da sombra das manchas, os dentes brancos e aguçados contra a líquida boca preta, as garras fletidas enquanto saltava sobre ele, e acordou, atónito por se encontrar no seu quarto e na sua cama, a luz das estrelas a penetrar pelos cantos das persianas.

Desenrolou os cobertores e saiu da cama. O despertador do ET, com um relógio no meio da barriga, mostrava 1h30. Uma voz impelia-o a sair para a noite fria e ele passou furtivamente pelo quarto da mãe e desceu as escadas até à porta da frente, onde pegou nas botas e no sobretudo. Uma sombra moveu-se entre a Lua e a terra e ultrapassou-o a uma velocidade ameaçadora. Ele desceu rapidamente a colina, em direção à casa dos Quinn. Quase não a via, dobrada no chão, como uma pomba numa rocha,

e temeu perturbá-la. A curiosidade foi mais forte que o nervosismo e ele agachou-se junto da rapariga, para poder falar baixinho mas ter a certeza de que ela o ouvia.

— Que estás a fazer, Norah? Vais morrer congelada.

Ela não ergueu os olhos para ele e as suas palavras bateram na terra por baixo do seu rosto.

— Estou a rezar por orientação.

Sean olhou para a casa silenciosa. Todas as janelas estavam escuras, mas a luz do alpendre refulgia como um olho amarelo.

— Orientação para quê? Está um gelo.

Ela ergueu a cabeça e olhou-o nos olhos.

— Para saber o que é possível fazer pela senhora Quinn, o que é possível fazer por ti. E o que fazer acerca daquele que me segue.

Ele olhou para a escuridão, mas não viu nada.

— Anda alguém a seguir-te?

— Alguém está a tentar deter-me e tirar-me daqui.

— Porque é que alguém haveria de querer levar-te daqui? — Levantou a voz e a pergunta ecoou no ar da noite. Todas as maravilhas dela — as estrelas que lhe apareciam na boca, os anéis de fumo, os objetos que fazia mover com a respiração — destacaram-se contra os aspetos sinistros da hora tardia. Pela primeira vez, pensou que ela podia ser algo mais que uma menina. Em vez de responder, ela inclinou-se para o chão e continuou as suas orações numa língua estrangeira, cheia de uma brutalidade que ele não compreendia. Ficou ao lado dela até aguentar; depois, insistindo em mandá-la para dentro, partiu para casa de madrugada, atento a estranhos, e meteu-se debaixo dos cobertores para aguardar a luz da manhã.

Uma borrasca soprou do Canadá, trazendo a humidade dos Grandes Lagos para as colinas ocidentais. A primeira neve caiu por volta do meio-dia, intermitente, como que em exploração, mas, por volta da uma, começou a cair a sério. Na entrada da casa ao lado, o senhor Delarosa apareceu cedo e inesperadamente, pois fechara a florista por causa do ameaçador meteorologista da rádio. Uma mortalha de silêncio envolvia a cidade e no caminho para casa ele viu a figura incrustada no gelo perto da ponte, confundindo-a com uma estátua, até que o boneco de neve sacudiu os ombros para desalojar a neve e, surpreendido com o movimento súbito, o senhor Delarosa quase atirou a carrinha ao rio. Quando começava a ficar preocupada com o estado das estradas, Margaret ficou surpreendida com o súbito aparecimento de Norah e Sean à porta, batendo as botas e abanando os gorros, sacudindo a neve dos casacos.

— Deixaram-nos sair mais cedo — informou Norah. — E nós queremos ir brincar lá para fora.

— Primeiro deixem-me arranjar-vos qualquer coisa quente. E têm de se agasalhar. Sean, não queres telefonar à tua mãe a avisá-la?

As crianças estiveram fora durante horas. À janela, Margaret vigiava o lusco-fusco, mas apenas via as camadas de neve ondulantes, caindo tão espessa e rápida que as pegadas das crianças não passavam de pequenas concavidades. Percebeu que algo de mau acontecera quando viu as duas figuras surgirem no horizonte sob a luz mortiça, uma a coxear e a outra a abrandar para se manter ao mesmo ritmo. Enquanto se aproximavam, pareciam dois

bonecos de neve indistinguíveis do manto branco, e Margaret sentiu um frio húmido, um pânico que lhe acelerou a respiração, uma sensação de que eles nunca chegariam a casa, que esta ficava demasiado longe. Vestiu o casaco e calçou as botas para ir lá fora, onde os flocos de neve enxameavam sob o halo de luz do alpendre. As crianças estavam mais perto e foi possível distinguir os pormenores. A que estava com problemas era Norah.

— Que raio aconteceu? — gritou Margaret do alpendre.

— Ela caiu ao lago, senhora Quinn — gritou Sean do pátio. — Ficou com as pernas dentro do gelo e quase congelou.

Com dois saltos, chegou junto das crianças e dobrou-se para ver a sua careta azul e gretada.

— Anda para dentro e tira essas roupas molhadas. Estás ferida, menina? Vamos levar-te para o quentinho. Norah, como podes ser tão descuidada?

As pernas dela pareciam em fogo quando finalmente conseguiu tirar as botas e as calças, enlameadas e tesas como pedras. Sentou-se de pernas abertas na ponta da cómoda, fazendo caretas de dor, até que o vapor do banho formou uma nuvem no quarto. Conseguiu mexer os dedos dos pés quando a senhora Quinn a mandou fazê-lo, mas não obedeceu quando a mandou tirar a roupa interior. A sua insistência na privacidade foi compreendida e obedecida com um suspiro. Quando saía da casa de banho, Margaret admoestou-a para ficar dentro da banheira até voltar a sentir-se normal. A rapariga espirrou, riu para si mesma e fez-lhe adeus com uma mão vermelha.

Lá em baixo, Sean degelava no tapete do vestíbulo. Tirara o gorro e as luvas, e permanecia como uma sentinela no seu posto, acenando humildemente à senhora Quinn.

— Por amor de Deus, Sean, tira o casaco e aquece-te...

— Ela vai ficar bem?

— Estás ensopado e lá fora há um nevão. Devo ter qualquer coisa do meu marido que possas usar, pelo menos enquanto ponho essas calças de ganga molhadas na secadora.

Sean seguiu-a para o andar de cima, ouviu Norah cantar para si mesma na banheira e vestiu uma camisa azul de flanela gasta que lhe chegava aos joelhos. Enquanto arregaçava as mangas, reviu a encenação da queda de Norah para dentro da água gelada e concentrou-se na intriga que tinham urdido juntos. Retorcendo os dedos dentro das meias de lã do falecido, apenas conseguiu esquecer o desconforto quando se concentrou nas questões que ela o obrigara a ensaiar antes de saltar para o gelo. Saiu do quarto e esbarrou com Norah que vinha da casa de banho embrulhada numa grossa toalha amarela. Trocaram um sorriso cúmplice.

— Olha para isto — Ela cerrou os olhos e retorceu os lábios numa careta. Um fino fio de muco escorreu-lhe do nariz e, quando abriu as pálpebras, tinha as íris vermelhas como pássaros cardeais. — É demasiado?

Assustado, ele empalideceu e quase gritou. Ela deitou-lhe a língua de fora e voltou a fechar os olhos, que em seguida se apresentaram de um tom rosado. Erguendo a mão esquerda a pedir-lhe paciência, esperou algum tempo e depois espirrou, violenta e sonoramente. Levantando o polegar para mostrar que estava tudo bem, mandou-o avançar.

— Faz como te disse. Como ensaiámos.

Ele sorriu e desceu as escadas, escorregou no linóleo da entrada, excitado ao encontrar a avó dela na cozinha. Quando o viu com as roupas do marido, ela corou.

— A Norah estava a espirrar? — perguntou a senhora Quinn de junto do fogão. — Espero que não apanhe uma constipação de morte.

— Ou uma pneumonia com dois pés — disse Sean. — É como o meu pai costumava dizer.

O rapaz raramente falava do pai ausente, e Margaret ficou calada por um momento.

— Telefonei à tua mãe, Sean. Vais passar aqui a noite e ela vem buscar-te de manhã, se já não estiver a nevar.

— Estávamos só a experimentar o gelo para ver se suportava o nosso peso, porque ela disse que a mãe era uma excelente patinadora no gelo e tinha prometido ensinar-nos quando viesse cá.

— Ela disse isso?

— E eu ouvi o estalido, como se alguém pisasse um galho, e depois estalou com mais força, como um trovão. Em menos de nada, estava enterrada até aos joelhos e eu pensei que também ia cair. — Sentou-se ao lado dela junto da bancada, cruzando as pernas para a camisa não subir.

— Com o frio que tem estado, aquele gelo devia ter uns oito centímetros de espessura. Percorri aquele caminho nos últimos cinco anos, nesta altura do ano devia ser seguro. Mas fizeste uma boa ação, Sean, obrigada. — Deu-lhe uma caneca de cacau quente, que ele bebeu depois de lhe observar cuidadosamente a superfície.

— É verdade, senhora Quinn? Aquilo da sua filha?

— Erica? — Imagens da sua história passaram-lhe pela cabeça a uma velocidade estonteante. Ao princípio, não percebeu a pergunta do rapaz, julgou que ele estava a abusar, mas depois compreendeu. — Patinava como o vento. Assim que ficava frio, digamos, em dezembro, Erica andava lá fora, no gelo, sempre que tinha oportunidade. E mesmo naquele lago acidentado, era capaz de fazer piruetas e... como é que se diz, quando patinas com

uma perna e tens a outra dobrada atrás das costas? Era a encarnação da graciosidade.

Ele lambeu o bigode de chocolate do lábio.

— E depois, um dia, desistiu. Nunca mais voltou a pôr os patins. Talvez tivesse ficado demasiado crescida para patinar. Houve muitas coisas que mudaram durante a adolescência.

— Rapazes, aposto.

Sobressaltada, tentou concentrar o olhar nele, mas a sua cara estava escondida pela caneca.

— Rapazes, de facto. E não comece com ideias quando for mais velho, senhor Fallon! Uma rapariga nessa idade é vulnerável, não conhece a sua cabeça nem o seu corpo e está disposta a entregar o coração ao primeiro filho da mãe que lhe dê um bocadinho de atenção, mas vocês, rapazes, têm muita manha, e isso não está certo.

— Foi isso que aconteceu à Erica, senhora Quinn?

Não, pensou ela, não foram só os rapazes, foi também o Paul. O seu passado negro. O seu desejo de congelar o tempo e mantê-la sempre criança e propriedade dele. Tinham tido brigas terríveis por causa dos rapazes, não só de Wiley Rinnick, mas de todos eles. O primeiro, aos 13 anos, rondara a casa ao crepúsculo todas as noites desse verão, um cavaleiro de bicicleta. Um rapaz bonito, de olhos castanhos, com uma franja de caracóis a cobrir-lhe a testa, que ele sacudia para trás sempre que se inclinava para falar com Erica. Numa noite de agosto, mesmo antes do início das aulas no liceu, Paul dirigiu-se como um urso ao passeio onde o rapaz falava com Erica. Margaret viu-os da janela — o rapaz reclinado atrás do guiador alto, Erica encostada à caixa do correio e Paul, o vértice do triângulo. Trocaram algumas palavras, o rapaz mexia no cabelo com uma mão, o corpo pequeno contraindo-se ao ouvir as recriminações do seu marido, Erica inclinada para ele, tensa de empatia. O rapaz foi-se embora a pedalar, para não mais voltar, e Paul ficou a olhá-lo, impotente, como se estivesse na praia a despedir-se de um barco, até que a Lua iluminou o céu noturno.

Ela enrolou os dedos em torno da caneca, sentiu o calor que se escapava pela cerâmica. Lá em cima, outra vaga de espirros retumbou através das tábuas do soalho. — Aquela rapariga, espero que não apanhe nada grave. Se queres ver a mãe da Norah, há um álbum de fotografias na sala de estar. Coitadinha, tenho de ir tratar dela. Ficas bem sozinho, Sean?

Ele fez que sim com a cabeça. Através do teto, a conversa abafada delas tinha o ritmo de uma canção de amor. Ele ficou a ouvir, nervoso com o estranho som, antes de se lembrar do seu dever e ir examinar as fotografias do passado.



Aqui está Erica nua, careca, gorda e sem dentes, na relva. E Paul Quinn, fazendo-a voar, a bebé como um borrão no ar, os dedos dele estendidos como ramos para a apanhar. Aqui estão as mãos de Margaret, uma em taça, segurando a cabeça da bebé, a outra a enxaguar o sabonete da barriga da filha. O rosto da bebé sobressaltado pela repentinidade da água. A bebé dá os primeiros passos. Um círculo de meninos de três anos em redor de um bolo de aniversário, a vela a refulgir faixas brancas nos tons cinzentos da fotografia, as pontas afestoadas e a legenda: *13 de abril de 1961*. Sean virou a página e as imagens eram agora de uma cor mortíça, desbotada pelo sol.

Aqui está Erica empoleirada num triciclo, prestes a atravessar os limites da moldura. Em tronco nu, num qualquer lugar de veraneio, talvez uma casa na praia, chupando uma garrafa de *Pepsi* quase vazia. Erguendo o primeiro peixe que pescou, do tamanho da sua mão. As cores intensificam-se, tornam-se mais saturadas. Ela é uma bailarina, um gato preto no Halloween, uma menina sem um dente. De perto, tem algumas semelhanças com Norah: os olhos um pouco pequenos de mais, o nariz petulante, a forma dos maxilares. Passaram-se anos, sem se dar por isso.

Aqui está Margaret Quinn, vinte anos mais nova e, ao lado dela, com um braço em torno dos seus ombros, uma mulher suficientemente parecida para ser sua irmã, pensa ele. Diane e Margaret coquetes, com vestidos cintados a condizer, um cigarro aceso na mão de Diane, uma

taça de cocktail na de Margaret. Os lábios vivamente pintados, os olhos brilhando com o *glamour* do verão. Num canto da fotografia, desfocado, o borrão de uma rapariga. Ele imagina-a a correr atrás dos primeiros pirilampos da noite ou a saltar por cima do aspersor, ou assombrada por um fantasma invisível. Depois, de costas para a câmara, Erica olha para a lente por cima do ombro. Estendido nos seus braços abertos está o xale andino com o sol no cimo.

Eis a manhã de Natal, papéis no chão, a árvore degradada, a piscar. Os maiores sorrisos. Os patins novos, brancos, parecem demasiado pesados nas suas mãos. O pai, desajeitado, num fato desportivo apertado, a mãe com um antiquado penteado ao alto.

Aqui está Erica e a melhor amiga, Joyce, multiplicadas por quatro — uma tira de fotografias feitas na nova cabina do Murphy. De cima para baixo: ambas apanhadas a meio de gargalhadas, Joyce a tapar a boca com a mão; Erica a três quartos, com os dedos nos lábios, e Joyce com a boca muito aberta; agora Joyce tem um sorriso perfeito e Erica está de olhos fechados; depois, sem qualquer falha, com os rostos encostados, felizes por terem 15 anos.

Aqui está Paul Quinn, uma última vez, metido num buraco até aos joelhos: no terreno, uma cerejeira com as raízes enroladas numa bola de serapilheira. A máquina captou a menina meio fora da fotografia. Agarra o tronco com uma determinação tão feroz que Sean primeiro vê raiva e depois júbilo na sua expressão. O cabelo passa-lhe dos ombros, como se fossem duas cortinas. O seu corpo parece agora o de uma mulher e não o de uma menina, o inchaço de pequenos seios contra uma camisa tingida, as ancas mais largas no topo das calças de ganga, mas, mais inefavelmente, o seu porte — a forma como endireita os ombros e levanta a cabeça, perfeitamente consciente da sua força e beleza.

Aqui está o rapaz na viagem de turma ao parque de diversões, quase sem se dar por ele, apenas em retrospectiva. Os adolescentes ocupam o carrossel, rindo, cabelos compridos a esvoaçar, cavalgando póneis loucos, uma avestruz, um leão, um veado a saltar. Mesmo atrás de Erica, que está no centro da fotografia, o rapaz de cabelo escuro olha tão ardentemente que os seus olhos quase queimam o papel. Ali está ele outra vez, nas margens de um grupo que faz palhaçadas diante de uma das atrações, todos os olhares virados para a frente, chifres por cima de um distraído, e só aquele rapaz, com cascatas de caracóis castanhos, usando uma t-shirt com o símbolo da paz, só ele olha de través para o objeto do seu desejo. Uma última vez, está atrás de Erica, os braços em volta da cintura dela, ambos a sorrir, desfocados, como se tivessem sido fotografados através de uma cortina de gelo.

Na última página do álbum, está Erica no penúltimo ano do secundário, o retrato que foi utilizado pela polícia e pelo FBI, o que saiu em todos os jornais e apareceu na televisão, a última fotografia conhecida. Uma conclusão formal da sua infância. Uma menina a tornar-se mulher.

**F**inalmente adormeceu — disse-lhe a senhora Quinn em tons sussurrados. — Coitadinha. Está quase com 39º de temperatura e treme e matraqueia como um saco de ossos.

Junto do fogão, Sean mexia a sopa. Enquanto esperava que ela cuidasse de Norah, fizera um assalto ao frigorífico e tinha duas sanduíches de queijo grelhado numa frigideira de ferro fundido.

— Acrescentaste uma lata de água? — A senhora Quinn espreitou a panela por cima do ombro dele. — É condensada, sabes?

— Faço muitas vezes o meu jantar.

Ela deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— Claro que sim.

Ele parecia tão pequeno com a camisa e as meias do marido, um pau de virar tripas, os cotovelos, as ancas e os ombros salientes contra a flanela. Uma criança sem pai. Teve vontade de o rodear com os braços e de o embalar e mimar até a tristeza dele desaparecer. Subira de um banquinho para a bancada e tirava pratos e tigelas para o jantar. Ela foi buscar os talheres, os guardanapos e dois copos de leite. Sentaram-se num canto contíguo e deixaram espaço para Norah, que não desceria.

— A tua mãe às vezes trabalha até tarde. Tens de cuidar de ti mesmo?

— Às vezes. — Sorveu um fio de massa, longo e grosso. — Segunda, quarta e sexta. Às vezes, ao sábado de manhã.

— Sentes-te só?

— Não, gosto de ter tempo para mim. — Fez uma pausa, recordando as instruções de Norah. — A senhora sente-se só?

— Só? Santo Deus, não... Por vezes.

— Eu sinto a falta do meu pai. A senhora sente a falta da sua filha?

Ela mordiscou a crosta queimada, provocando uma chuva de migalhas.

— Ao princípio, sentes a falta deles o tempo todo. Começas a dizer qualquer coisa, chama-los para jantar e, então, dás por ti. Ou levantas o olhar das palavras cruzadas, ou da telenovela, ou do livro que estás a ler, esperando vê-la na soleira da porta, mas ela não está ali, não está em lado nenhum. E perguntas-te o que estará a fazer naquele preciso minuto, perguntas-te se alguma vez pensa em ti, ou se pensa tanto em ti como tu pensas nela. — Margaret olhou para Sean. — Claro que o teu pai sente tanto a tua falta quanto tu a dele, mas é o mesmo para todos nós, não é? Continuamos a não compreender porque é que as coisas aconteceram desta forma.

Ele pousou a colher na tigela e fitou o triângulo da sanduíche. Seduzida pelas memórias que o rapaz despertara, continuou a falar para si mesma.

— Todo o dia, todos os dias, não pensava em nada que não fosse ela. Durante meses. A ponto de ter perdido a noção de tudo o resto. Então, uma manhã, o Paul trouxe para casa cerejas maduras, arranjaras no mercado dos agricultores, e eram perfeitas. Sabes, as cerejas mais cerejas que há. Tentação! Então, fiquei aí sentada, exatamente onde tu estás, e comi uma, e a primeira dentada doce recordou-me de verões passados e de quando eu mesma era uma rapariga e as cerejas eram a minha parte favorita do verão, mais que mirtilos, morangos, ou mesmo pêssegos. Mais que o 4 de Julho ou nadar na praia ou simplesmente passear num dia de sol. Esquecera-me de como sabiam bem as cerejas frescas. Então, aí sentada, comi uma atrás da outra, e quando o Paul voltou à cozinha, viu uma grande pilha de caroços num pires, a tigela quase vazia e eu com os lábios manchados de pecado. Não consegui resistir e os olhos dele mostravam uma tristeza feliz. Aliviado por eu regressar dos mortos.

Com a ponta do pão, indicou ao rapaz que pegasse na sua sandes e comeram em silêncio, o tiquetaque do relógio marcando o ritmo dos seus pensamentos. Afastou o prato vazio. Lembrou-se então do rapaz.

— Tornas-te mais prudente a deixar entrar a felicidade na tua vida, porque se deixas, e ela se vai outra vez embora... A falta quotidiana dela foi-se tornando menos intensa com o tempo, mas está ali, à espera de atacar, como uma pantera. Quando o Paul adoeceu, tinha-o a ele para me preocupar, e quando foi para o hospital... — Cobriu a boca com a mão, para conter a vergonha antes que esta escapasse. — Não senti tanto como achava que devia sentir, tanto como provavelmente sentiria, mas eu já esta-

va entorpecida. A Erica desaparecera há três anos e ele, de alguma forma, ultrapassara isso, prosseguira. E acho que eu sentia algum ressentimento pela sua paz. Ou pela forma como se geria a si mesmo, e também estava zangada porque agora não tinha ninguém para falar de Erica. Ninguém como o meu marido.

Lá fora, à luz que esmorecia, a neve caía em estrias de branco contra negro e, pela janela, Sean observou as partículas atravessarem a luz débil que saía do andar de cima.

— Então chegou uma carta. Do Novo México. Eles tinham ido em direção à Califórnia, mas, graças a Deus, ela perdera-se. Esperava que tivesse muito mais para dizer, mas era tudo frio e factual. Como se não fosse uma carta para uma mãe, mas para um completo estranho, e foi quando percebi que lhe tinham feito uma lavagem ao cérebro, lhe tinham enchido a cabeça de ideias radicais. Como não chegou mais nada, fiquei novamente magoada com ela, cheguei a desejar, por vezes, nunca ter tido notícias, nunca mais ter notícias, porque me excluía da sua vida, escolhera partir com ele, escolhera rejeitar-me depois... Mesmo assim. Se ela entrasse por aquela porta neste minuto, tudo seria perdoado e recuperado. É isto que faz o amor.

As lágrimas acumulavam-se-lhe nos olhos e ele cerrou os lábios, contorcendo os músculos do rosto para evitar chorar também, antes de desviar os olhos. Ela pronunciou o seu nome, e Sean foi-se abaixo.

— Ele nunca mais vai voltar, pois não?

Margaret estendeu os braços e ele correu para ela, encostou-lhe a cabeça ao peito, o corpo pequeno estremecendo de lágrimas. A cada respiração, chorou pelo pai. Margaret encostou o corpo dele ao dela.

— Sean, Sean, tenho tanta pena!

O homem no passeio, ao frio cortante, parecia observar algo que só ele podia ver, ou talvez não olhasse para nada em particular e estivesse, simplesmente, a ouvir o som do vento, os veículos que atravessavam a neve meio derretida e o sussurro gentil da água a cair na estrada, sobre os carros estacionados, sobre os parquímetros, como uma fila de cruces de cemitério, sobre as poucas almas que se moviam na penumbra. Se alguém tivesse estado mais atento, teria ficado surpreso com o tempo que o homem se mantivera no mesmo sítio, absorvendo o frio contra a pele não protegida, nas dobras e vincos do casaco, na copa do chapéu. Para os transeuntes, não passava de uma figura na neve, um obstáculo que encontravam no passeio enquanto corriam para casa ou faziam uma incursão apressada à loja de comida ou à taberna. Um louco, na rua com uma tal tempestade. Ele via-os ir e vir até que, por fim, a seguiu até ao bar que ficava no canto mais próximo da ponte.

Poucos se aventuravam a sair à noite, e menos ainda eram os que iam tomar uma bebida. Um homem com um chapéu de basebol observou-o de um banco ao balcão e renovou o conhecimento com uma cerveja meio bebida. Um trio — pai, mãe, filho — mastigava ruidosamente um prato de batatas fritas afogadas em molho. Num canto, uma jovem parecia falar sozinha enquanto o empregado a ignorava e via o jogo de basquete na televisão suspensa. Era fácil encontrar a mulher, mesmo na penumbra do bar, pois tinha as orelhas e o nariz de um vermelho refulgente por ter acabado de sair do frio. Sentada no bar, dobrara o casaco e o cachecol no banco ao

lado, por isso ele escolheu o banco disponível seguinte e, quando ele se sentou, ela estendeu uma mão para equilibrar as suas coisas. Ele tinha o casaco desabotoado e pendurado como uma toga em torno do corpo e, com grande cuidado, colocou o chapéu no balcão à sua direita, depois virou-se para a esquerda para ver se a mulher dava pela sua presença. Nem um aceno ou um simples olhar.

Com um pano húmido, o empregado, um tipo chamado Jocko Manning, limpou o espaço em frente do homem.

— Qual é o seu veneno?

— Algo que me tire o frio. — Fez uma pausa, considerando o sotaque do homem. — Um *Irish Coffee*.

Quando a bebida chegou, soprou-a, formando uma nuvem de vapor que se ergueu para o seu rosto, separando-se em duas colunas que lhe coroaram a cabeça, antes de se dissiparem.

— Olha — disse Jocko. — O Pai Natal.

— Bom truque — disse a mulher.

O homem bebeu um gole de café e voltou a pousar a chávena no balcão de mogno. — Conheço-a?

— Não sei. Conhece? — Ela examinou-o cuidadosamente. Não era um dos suspeitos do costume dum bar como aquele e, nesse contexto, ela não situava o seu rosto, embora lhe fosse familiar. Um tipo curioso, decidiu finalmente. Bem vestido, educado, com idade para ser seu pai. Um cavalheiro a quem podia confiar o seu nome.

— Eve Fallon.

— Fallon. — Ele apertou-lhe a mão. — Tem um irmão mais novo? Um rapaz com oito ou nove anos, que anda no terceiro ano na Escola Primária Friendship?

— Não é meu irmão, é meu filho.

— Não, é demasiado nova.

Ela não pôde deixar de rir.

— Certamente, sabe como lisonjear uma rapariga que está prestes a começar a beber.

Atrás dela, o homem com o boné de basebol atravessou para a casa de banho, com os olhos fixos no trio e no seu jantar tardio. Na televisão, o Duquesne empatou e Manning ergueu um punho triunfante.

— Que a faz sair — perguntou ele — numa noite tão má? O senhor Fallon está consigo?

— Voou do ninho. — Ela brincou com uma varinha de cocktail. — No ano passado. Mas não faz mal. Bem, economicamente é um pouco difícil.

— Lamento ouvir isso, embora não perceba como é que um homem no seu perfeito juízo...



— É mais difícil para o meu filho, porque aquela ratazana nem se dá ao incómodo de telefonar ou de fazer uma visita, e o Sean tem estado muito retraído. Nenhum dos colegas da escola voltou a aparecer lá em casa e há muito tempo que está apático, como se já não quisesse nada da vida.

O homem percorreu o rebordo do copo com o dedo.

— Quando há uma crise pessoal, as crianças passam muitas vezes por uma espécie de inverno emocional. Mas são mais fortes do que parecem. Resistentes.

Eve endireitou as costas e ficou mais alta no banco.

— Ele vai superar isto, tenho a certeza. Há aquela miúda nova que começou a procurá-lo há pouco tempo, é tão engraçada. De facto, é lá que ele está esta noite. É a primeira oportunidade que tenho de sair em séculos, e não ia perdê-la. Saúde! — Ele ergueu a caneca até ao copo dela. — Boa menina, tanto quanto sei. Arranjou maneira de ele ganhar mais confiança.

— Não será a miúda dos Quinn?

— É isso, a Norah Quinn. É tão querida. Conhece-a?

— Sim, conhecemo-nos. Conhece a história da família...

— Claro. O avô dela era meu médico. Não há nada de errado com os Quinn.

— Não estava a insinuar nada, nem pensar. Mas a menina, parece que saiu do nada. Conhece a avó?

— A Margaret? Não muito bem, só de organizar os encontros das crianças. Porquê tantas perguntas?

— Curiosidade.

— Matou o gato, senhor. Como disse que se chamava? Porque está tão interessado nos Quinn?

Pondo uma nota de cinco dólares em cima do balcão, ele estendeu a mão para o chapéu.

— Não estava, nem estou. — Escondendo-se sob a aba do chapéu, levantou-se para partir.

Ela levou o copo aos lábios e fechou os olhos para dar um gole.

— Quem é o senhor? — perguntou, mas ele já partira. A porta não parecia ter sido aberta e as outras pessoas da sala não tinham dado pela sua saída. — Conheces aquele tipo? — perguntou ao empregado.

Embrenhado no jogo de basebol, Jocko abanou a cabeça e atirou o pano por cima do outro ombro.

Uma indecisão momentânea deitou por terra qualquer possibilidade que ela tivesse tido, pois quando cruzou a porta, não encontrou ninguém nas ruas. A neve parara e a temperatura baixara dez graus. Tremendo, caminhou até à ponte, o suficiente para ouvir as águas lamberem os pilares. O céu, quebrado por nuvens que ora escondiam, ora revelavam as estrelas, fe-

chava-se-lhe pesadamente sobre a cabeça e ela espiou os passeios vazios em busca de qualquer sinal dele. Mas as pegadas na neve misturavam-se num imperscrutável trilho sulcado e não havia nenhum homem a afastar-se no horizonte, nenhum casaco, nem chapéu, nada. Os sinos da porta tocaram quando Eve voltou a entrar e o empregado tirou por momentos os olhos do jogo de basquete. O homem com o chapéu dos Pirates pedira mais uma cerveja. A família acabara o prato de batatas fritas e relaxava nos bancos, completamente saciada, folheando a lista da jukebox. A rapariga no canto prosseguia a sua conversa imaginária. O empregado desistiu da equipa da casa e mudou para um concerto de folclore irlandês na PBS. Fria e amuada, Eve amaldiçoou baixinho o seu *ex* e voltou a sentar-se no banco, com o uísque amargo e nauseabundo. A caneca de café do estranho continuava no mesmo sítio e ela sobressaltou-se ao divisar uma fina camada de gelo na superfície escura. Por que razão fizera perguntas acerca dos amigos do seu filho? A sua mente foi invadida por pensamentos acerca do filho e da sua dor.

Outrora, Sean fora apenas e completamente seu, a criança dentro dela, o bebé no seu peito a meio da noite, o menino que ensinara a falar e a andar, que começara a deixá-la, ao princípio impercetivelmente, e mais tarde orbitara para a escola e fizera amigos, e ela descobrira que os mistérios da sua mente e coração eram mais do que podia suportar. Aquilo em que ele se tornara. A sensação de perda do seu único filho assolou-a, e Eve perguntou-se se Sean alguma vez voltaria a ser o mesmo, se o rapaz que conhecera e amara alguma vez voltaria para ela.

**A**travessando o bairro silencioso às nove horas da manhã de sábado, Sean ficou cego pelo brilho do Sol refletido no gelo e na neve. Semicerrou os olhos para ver. Ergueu primeiro o olhar para o céu, na direção do Sol e, em seguida, para a brancura que o rodeava por todo o lado. Fechou as pálpebras e experimentou dar alguns passos numa confortável escuridão, depois tentou concentrar-se no caminho o máximo de tempo possível. A mãe avisara-o, antes de sair para o trabalho, que usasse um boné com pala, mas Sean ignorara o conselho e a meio caminho da casa da senhora Quinn sentiu que não podia voltar para trás, apesar da dor. Ansioso por obter alívio, encaminhou-se para o bosque, embora esse caminho acrescentasse alguns minutos à viagem, para arranjar um pouco de sombra, se bem que escassa, entre os liquidâmbares, as cicutas e os carvalhos sem folhas.

Silenciosa, a essa hora, e com um frio tão brutal, na floresta soava apenas a sua passagem, mas pelo menos conseguia manter os olhos abertos. Tornou-se mais fácil concentrar-se em Norah e recordar os contornos da sua artimanha, o salto para o gelo, a doença fantasma. Ela esperava-o, ansiosa por notícias.

Estes pensamentos conspiratórios apressaram-lhe os passos, atiçaram a sua ansiedade de a ver, e não notou o primeiro pássaro que pousou no caminho, com as patas enterradas na neve, dez metros à frente dele. Só quando um segundo e um terceiro corvos aterraram, sentiu algo de anormal. Os corvos pareciam observá-lo enquanto se aproximava. Penas pretas e bicos

de azeviche, olhos insondáveis. Sean não se afastara nem um metro e meio do que estava no chão quando este saltou e voou para junto dos outros, nos ramos baixos, crocitando um aviso. O rapaz deteve-se sob uma faia e viu-os a observá-lo. A alegria perfeita da solidão desfez-se e ele começou a desejar ter alguém consigo. De um buraco no dossel de folhas surgiu outro pássaro, e depois outro par deslizou entre as árvores para se juntar ao grupo. Outros três surgiram de repente atrás dele, trinando do fundo das gargantas. Mais pássaros voaram de todas as direções e instalaram-se nas árvores ou passaram-se na neve, como um grupo de padres de sotaina, as mãos cruzadas atrás das costas, planeando alguma malfeitoria. Se não se mexesse, pensou Sean, não dariam por ele nem lhe prestariam atenção. Imobilizado, observou a assembleia negra. Um dos pássaros maiores saltou de um ramo baixo para o caminho, inclinou a cabeça para a esquerda, depois para a direita, considerando o que devia ser feito em relação ao intruso. O corvo grasnou uma vez e encheu o bosque de ecos. O grasnido do chefe desencadeou uma série de vocalizações, chamamentos e respostas estridentes e, à medida que o volume aumentava, os sons juntavam-se, misturando-se da cacofonia à harmonia. Numa voz quase humana, diziam o seu nome, *Sean, Sean, Sean*.

Para lá do grito estridente dos corvos, no lugar onde o caminho se elevava e formava uma crista, estava Norah, diáfana, de branco, sem óculos, o sorriso irregular substituído por dentes perfeitos, o cabelo brilhante como um halo. Através do estrépito da repetição do seu nome, veio a voz dela, uma instrução simples numa língua que ele não compreendia e, ao ouvir a ordem, os pássaros detiveram-se em uníssono. Os que se encontravam nos ramos mais altos foram os primeiros a levantar voo, e depois os outros, aos pares ou em grupos de três, tagarelando entre si. Voaram murmurando e resmungando, e ele observou-os até que o grande chefe encurvou os ombros e bateu o ar debaixo das asas para desaparecer dos bosques. Quando Sean voltou a olhar para trás, procurando a rapariga, ela desaparecera. Um anel de transpiração molhava-lhe o cachecol, e tinha as mãos quentes e húmidas dentro das luvas. Deu um passo na subida em direção à casa dela. Não havia nada nos bosques. Nenhum sinal de que aquele encontro acontecera e, pelo caminho, ele fez todos os possíveis para apagar a impressão de que fora real.

A senhora Quinn abriu-lhe a porta, os olhos negros de olheiras, trémula e nervosa enquanto o fazia entrar. As mãos tremiam-lhe quando lhe tirou o casaco e o cachecol, e demorou alguns momentos até ser capaz de falar.

— Ela está muito melhor esta manhã — disse. — Vocês pregaram-me cá um susto! A febre e aquela tosse, parecia que ia deitar a casa abaixo.

Com um gesto rápido, alisou a cabeleira que lhe caía para a testa e deteve-se para o observar.

— Está lá em cima, se quiseres vai lá. Mas não te chegues muito perto dela nem a canses.

Ele já galgara quatro degraus.

— E não fiques muito tempo. Ela precisa de descansar.

Entrou no quarto de Norah em bicos de pés e aguardou que ela des-se por ele. Encostada às almofadas, parecia uma rainha nas suas vestes de veludo, a colcha mal revelando os contornos do seu corpo magro. Ao lado dela, na mesa de cabeceira, uma pilha instável de romances cartonados — *Mulherzinhas*, *Beleza Negra*, *A Teia de Carlota*, *O Livro da Selva* — e, em cima dos livros, uma caixa de tintas pastel. Aberto no colo, um bloco de desenho. Ele ficou surpreendido por a ver ali, perguntando-se se poderia estar em dois sítios ao mesmo tempo.

Norah começou a sorrir antes de erguer o olhar do papel.

— Que notícias me trazes, meu espião?

— Ainda estás doente? Queres que te vá buscar uma canja?

Ela ergueu as sobrancelhas e enrugou os lábios de surpresa. Na catedral do seu quarto, a luz do Sol entrou pelas frinchas entre as tábuas das persianas fechadas, inundando o espaço de um amarelo pálido. Deslumbrado, ele não sabia o que fazer a seguir.

— Como é que fazes estes truques? — Dirigiu-se aos pés da cama. — Onde é que aprendeste essas magias?

— Não é magia. — Debruçando-se para o desenho, pôs-se a garatujar furiosamente, o lápis transformado num borrão nas suas mãos. — Milagres e maravilhas. Faz tudo parte do plano.

Sem saber se devia acreditar nela, mexericou numa espiral de croché que ameaçava soltar-se da colcha. Lembrou-se que dia era.

— Achas que a marmota viu a sua sombra esta manhã? Se ela vir a sua sombra no segundo dia de fevereiro, significa que haverá mais seis semanas de inverno. Se não vir a sombra, temos a primavera mais cedo.

— *Bah!* Superstições.

— Não acreditas?

— Não te metas em questões de fé, *amigo*. — Tirou, de sob os cobertores, *En Español!*, um livro de espanhol da escola secundária, com os nomes *Erica & Wiley* escritos a tinta no bordo recortado das páginas. — Estou a praticar o meu espanhol para o caso de a tia Diane me fazer perguntas sobre o Novo México. E olha... — No bloco, desenhara um grande pássaro castanho com um lagarto morto pendurado no bico afilado. Sean viu nos olhos sem vida do lagarto três reflexos do sol.

— É bom — disse. — O que é?

Ela virou o bloco sobre o colo e acrescentou, com a ponta do lápis, uma sombra projetada pela cauda da ave.

— Um papa-léguas, vês? Deves estar a pensar nos desenhos animados, mas o verdadeiro não é nada parecido com isso. Só que é rápido. Muito, muito rápido.

— *Bip, bip.* — Sem levantar a cabeça, ela arregalou os olhos e pôs a língua de fora. — A parte que gosto mais — continuou ele —, é quando o papa-léguas convence o coiole a caçá-lo do outro lado do penhasco. Quando compreende que está suspenso no ar, olha para nós, apenas um segundo, antes de cair. Só o tempo suficiente para levantar uma placa a dizer «Socorro». E a queda é muito, muito longa. — Imitou o barulho de uma bomba a cair. — Depois, uma nuvem de fumo no fundo do desfiladeiro e ele sai de um buraco em forma de coiole, todo sujo e trémulo.

Norah pegou na história.

— Se ele estivesse a tremer numa rocha, num ponto qualquer extremamente afiado, essa rocha também cairia. Mas como o coiole cai mais depressa que a rocha, quando ele sai daquele buraco, parecendo um destroço e com estrelas em volta da cabeça, nesse momento, toma! — Bateu com a mão no bloco. — Toma, a pedra esmaga-o outra vez.

Riram da recordação.

— Tal como na vida, *amigo.*

A caldeira começou a funcionar com um *bang!* e o ar quente entrou pelas condutas, intensificando os aromas do quarto — flanela quente e champô de bebé. O cheiro do cabelo dela trouxe a Sean memórias da mãe debruçada por cima da banheira, com as mangas enroladas até aos cotovelos, a lavar-lhe o cabelo, apoiando-lhe depois a cabeça na mão enquanto ele se arqueava debaixo da torneira a correr para tirar o champô, as mãos dela acariciando-lhe o cabelo para enxaguar o resto da espuma. Queria falar-lhe dos corvos, dizer-lhe que a vira nos bosques, mas sentia que ela ia trocar dele.

— Que sabes acerca dela?

— Da minha mãe?

— Não. — Norah revirou os olhos. — Que descobriste acerca da minha mãe?

— Pelo que sei, fugiu de casa com um rapaz. E a tua avó ainda sente a falta dela. Quando comeu as cerejas, sentiu-se feliz outra vez, mas não foi por muito tempo. A tua mãe era muito bonita.

— Só isso? Mais nada? Tens de descobrir mais. — Os lençóis produziram um ruído seco quando ela os empurrou das pernas e saltou da cama para se pôr a andar de um lado para o outro no quarto, realizando um monólogo interior, gesticulando furiosamente, tentando conter a raiva. Sean aguardou pacientemente que ela falasse, mas a rapariga libertou a raiva batendo com os pés descalços no chão de madeira. Num ponto perto da

janela, o soalho estalava a cada passada e ele entreteve-se a antecipar o som a cada volta dela pelo quarto. Não olhou para ela, limitou-se a escutar, e quando percebeu o que o rapaz estava a fazer, Norah parou e olhou para ele.

— E o namorado? Soubeste alguma coisa dele?

Sean pendurou as pernas da ponta da cama e apontou os dedos dos pés para o chão.

— Era mais moreno e tinha cabelos compridos. E gostava do símbolo da paz. E estava apaixonado pela tua mãe quando ela era adolescente.

— Ela contou-te o que lhe aconteceu? Disse porque é que ele nunca voltou para casa?

— Não, não sei. Acho que o nosso plano não funcionou muito bem.

Ela lançou-lhe um olhar furioso. A caldeira desligou-se e as condutas estalaram à medida que arrefeciam. Norah sentou-se ao lado dele na cama, seguindo o ritmo com o pêndulo da sua perna. Ele observou o movimento, vagamente perturbado pela nudez dos seus pés e tornozelos. Por causa dos óculos, em vez de o olhar de cabeça levantada, ela dobrava o pescoço cerca de trinta graus para a direita. Ele seguiu esse ângulo, torcendo a cabeça para a fitar, e desafiou-a.

— Porque é que não perguntas tu à tua avó?

— Porque ela já pensa que lhe pertença. — Quando abriu os lábios, o aroma de gengibre inundou o espaço entre eles. — E talvez eu queira ficar aqui, com ela.

Incapaz de suportar por mais tempo a sua proximidade, Sean foi à janela e puxou com força o cordão das persianas, enchendo o quarto de brilho.

— Não há hipótese — disse. — Mais seis semanas de inverno.

Os pássaros cantaram na gaiola toda a manhã. Uma dúzia numa caixa de um metro por um metro e vinte, com ramos artificiais e folhas, os tentilhões eram os bebés de Simonetta Delarosa. Ia à florista todos os dias para os mimar com sementes *gourmet* e pão molhado em leite, e pusera a cada par nomes das suas óperas favoritas. Os zebras eram *Romeu e Julieta*, os diamantes de Gould eram *Otelo* e *Desdémona*, os diamantes de Bichenov eram *Fígaro* e *Suzana*, os tentilhões japoneses eram *Violeta* e *Alfredo*, os *spice*, *Ferrando* e *Dorabela*, e os *star*, *Guiglielmo* e *Fiordiligi*. Extasiados com o sol ofuscante, os casais comportavam-se como se tivesse começado uma nova primavera, voando, cantando e alisando as penas um ao outro de tal maneira que Simonetta, há muito acostuada aos seus hábitos, deu por isso e sentou-se ao lado da gaiola a observá-los até que o visitante entrou.

Assim que ele atravessou a porta, os pássaros calaram-se e esconderam-se debaixo das folhas. O homem tirou o chapéu e as luvas, e puxou o

cabelo prateado para trás com a palma da mão. Por trás da gaiola de arame, Simonetta sorriu-lhe, e Pat acenou através do vidro da câmara frigorífica, onde as flores cortadas se mantinham frescas e húmidas. O estranho deu uma volta pela sala, parando para cheirar um ramo de lírios cor de laranja, para percorrer com o dedo a única face violeta de um dendóbrio em flor. Agachou-se junto da gaiola para espreitar lá para dentro. Simonetta tentou mostrar-lhe os seus tesouros, mas os pássaros abrigaram-se nas sombras, por mais que ela os persuadissem a sair.

— Parece que têm medo de si.

— Por vezes, um estranho tem este efeito em criaturas pequenas — disse ele. — Portentos de incerteza no seu mundo organizado.

Pat limpou as mãos ao avental e veio do fundo da loja.

— Procura alguma coisa?

— Não, não. Só entrei por causa do frio. Se bem que estas orquídeas são lindas.

— São as minhas favoritas. Vêm e vão como se fosse magia, mas enquanto duram, são milagres. — Com um olhar que se assemelhava ao amor, Pat contemplou as flores envasadas. — O senhor é daqui da zona?

A sugestão de um sorriso enrolou-lhe os cantos dos lábios.

— Não. Trabalho para o Estado. Estou à procura de uma pessoa. Um foragido.

Levantando-se para se pôr ao lado do marido, Simonetta juntou os dedos.

— Para o Estado? Quem procura?

— Uma menina — respondeu. — Fugida de uma instituição no Norte. Vim para a encontrar e levar para casa.

Os Delarosa aproximaram-se mais um do outro, ombro contra ombro, e ele observou-os, esperando que os seus rostos lhes traíssem as emoções, depois pousou o chapéu em cima da gaiola para calçar as luvas.

— Uma criança inteligente, pode ligar-se a qualquer pessoa. Poderá parecer uma resposta a uma oração, mas cada resposta levanta novas perguntas e cada desejo, a esperança de mais um desejo.

— Não conhecemos nenhuma menina — disse Pat.

— Mantenham-se atentos, talvez a vejam — pediu o estranho enquanto punha o chapéu na cabeça.

Levando dois dedos à aba do chapéu, fez uma pequena vénia e saiu. Os tentilhões troaram e cantaram em pânico, atirando-se contra as barras da gaiola, e só ao fim da tarde é que Simonetta conseguiu acalmar o último, um *star* escondido num canto alto, e colocar a criaturinha, com o coração pequenino a bater com força na sua mão, num poleiro mais seguro.



A porta da frente abriu-se sozinha com um estalido depois de duas batidas rápidas, e um olá de três notas chegou da soleira. Norah e a senhora Quinn levantaram-se da mesa, o jantar a arrefecer quando correram a cumprimentar a sua pródiga visita. A rapariga foi mais rápida e só estacou mesmo em frente da mulher e das suas malas. Endireitando-se da cintura para cima, a tia Diane ergueu-se como um colosso, um metro e oitenta, o cabelo branco repuxado para trás numa crina espessa, o rosto duro e dividido em planos e ângulos agudos, interrompidos por um magnífico nariz e ferozes olhos cor de avelã; ombros para trás, a coluna como um mastro perpendicular à superfície do mundo, as botas de cano curto alinhadas com as ancas. O casaco, cor-de-rosa e com botões de madrepérola, chegava-lhe aos tornozelos, e as luvas adornadas de pelo davam às suas mãos a aparência de níquel polido. Norah mal teve tempo suficiente para a observar toda antes de Margaret chegar ao pé dela. As irmãs soltaram um gritinho afogado, um pequeno suspiro de alegria em sinal de reconhecimento e, quando avançaram uma para a outra, Norah, com uma pirueta, saiu-lhes do caminho e manteve-se num silêncio atento enquanto se abraçavam. Diane foi a primeira a soltar-se, agarrou nos braços da irmã e afastou-se para a observar com mais atenção. As mulheres sorriram sorrisos idênticos, abraçaram-se outra vez durante quatro tempos, o suficiente para Norah começar a saltar na ponta dos pés. Uma corrente de ar empurrou a porta da frente e esta fechou-se com um estrondo que as sobressaltou a todas.

— Está um frio de rachar. Esqueci-me que vivias nesta tundra gelada, esquecida por Deus, Maggie. Estás com bom aspeto... que conversa era aquela de andares cansada? — Rodou a cabeça e fitou a criança. — E quem é esta criança amorosa? A neta repentina que mencionaste ao telefone. A misteriosa fugitiva, lá do remoto Oeste. Norah, não é? Norah Rinnick, presumo?

— Quinn, na verdade. Norah Quinn. E a senhora deve ser a tia-avó Diane. — Estendeu a mão direita.

— Santo Deus, Norah Quinn! — Virou-se para a irmã. — É exatamente como a descreveste ao telefone. És uma grande surpresa, Norah.

— Um milagre — disse Margaret. — Uma oração atendida.

Diane virou-se para a rapariga.

— Bem, já que somos parentes, tenho de te pedir um abraço. Que dizes à tua tia Di?

A rapariga deu meio passo em frente e viu-se envolvida em tecido cor-de-rosa, o rosto esmagado contra um peito fabuloso escondido sob um sutiã que parecia uma gaiola de pássaros.

— Como a princesa Di? — perguntou, com a voz afogada.

A gargalhada de Diane irrompeu bem do fundo do seu peito, e Norah foi empurrada para trás pela percussão. — Exatamente como a princesa Di. As duas grandes beldades dos tempos modernos. — Tirou as luvas, entregando-as a Norah e depois, com uma formalidade estudada, tirou o casaco e o chapéu e colocou o fardo nas mãos da criança. Norah cambaleou até ao armário enquanto as irmãs davam os braços e se dirigiam para a cozinha.

— Sê uma querida — disse Diane à menina —, e leva a minha mala para o quarto reservado às princesas.

Enquanto arrastava a mala, Norah conseguiu escutar um pouco da conversa. — Oh, é um retrato vivo dele... — Dele. Rinnick.

Aqueceram os pratos no forno e, meia hora mais tarde, comeram um jantar requeentado. A conversa girou em torno do cansaço da longa viagem para norte, neve em Somerset, mas, uma vez passado o túnel, navegação tranquila; o frio terrível do inverno, nenhuma das mulheres conseguia lembrar-se de temperaturas tão baixas tantas semanas seguidas; o estado calamitoso da economia, Ronald Reagan, o colapso da indústria do aço. Para sua grande surpresa, Norah não foi o centro da conversa. De momento, cessara de existir. As irmãs beberam o café com calma, com pouca vontade de pegarem no assunto da recente adição à família.

Depois da sobremesa, Norah subiu para tomar banho e, com o barulho da água a correr, não podia espiar com tanta facilidade, embora tivesse tentado escutar através de um copo pressionado contra o chão. Só conseguiu ouvir o mar. Lavada e vestida para dormir, desceu para dar as boas-noites,

encontrando as duas mulheres instaladas agora na sala, sentadas em ângulos retos uma em relação à outra, sob o halo pálido de um candeeiro, que se desvanecia até ficar negro nos cantos. Como conspiradoras a elaborar uma trama, debruçavam-se uma para a outra, o seu rosto entrando e saindo da luz e das sombras, as vozes quase como sussurros, revelando segredos.

— Estávamos mesmo a falar de ti, Norah — disse a senhora Quinn. — Estás lavada e fresca como um apito e pronta...

— Pronta para assobiar? — perguntou a irmã.

Norah assobiou e as mulheres riram. A senhora Quinn estendeu os braços e Norah abraçou-a, beijou-lhe a bochecha e depois hesitou diante de Diane, insegura quanto ao protocolo

— Não te vou morder, miúda. Pelo menos, com força. Chega aqui. — Afogou-a com um abraço de urso e um beijo molhado na orelha. — Era capaz de te comer. — Segurou a criança pondo-lhe uma mão nas costas e, com a outra, acariciou-lhe o cabelo. — Na verdade, estávamos a falar da tua mãe. Sabes que nenhuma de nós a vê há quase dez anos? Mesmo antes de tu nasceres...

— Ela fugiu de casa.

— Isso mesmo, bonequinha. Sabes porque nunca voltou?

— Não, minha senhora.

Insatisfeita com a resposta, Diane deixou passar um momento, ruminando os seus pensamentos.

— Bem, a mãe e a tia têm saudades dela.

— Eu também.

**E**NORME, dizia a primeira nota. O *post-scriptum* fê-lo rir e concedeu aos dois vinte minutos de castigo. E ASSUSTADORA. Quando Sean desdobrou o papel que ela lhe atirara, sabia que Norah estava a descrever a tia-avó Diane. Apanhado pela senhora Patterson aos risinhos, foi convidado a partilhar com o resto da turma o que lhe dava tanta graça. Ele tentou objetar, corou e gaguejou até se meter em apuros. A professora desdobrou a mensagem e partiu do princípio de que as palavras eram acerca dela.

Depois do toque de saída, Sean e Norah ficaram para trás, sentados nas suas carteiras, aguardando o castigo enquanto, lá à frente, a senhora Patterson corrigia testes, olhando para eles de relance de vez em quando, um olhar confuso que aliviava a gravidade da situação. O ponteiro vermelho dos segundos no mostrador do relógio — FABRICADO NOS ESTADOS UNIDOS, DISTRITO ESCOLAR DO CONDADO DE ALLEGHENY — abrandava, titubeava, ameaçava parar completamente. Norah conseguia contar quase até dez entre cada tiquetaque e, aborrecida ao ponto da travessura, tentou atrair a atenção dele pigarreando, batendo com os dedos no recipiente dos lápis em cima da carteira, suspirando. Ele atreveu-se uma vez a olhar para trás, com o pânico nos olhos, e nos últimos cinco minutos limitou-se a ficar com a cabeça baixa, aninhada nos braços dobrados. Nos recessos da sua mente, inventava desculpas para o facto de chegar a casa mais tarde. Nunca fora castigado por um professor, nunca o tinham mandado ficar nem um minuto depois da escola.

Sentenças cumpridas, foram dispensados com a admoestação de irem e não pecarem mais. Arrastando os casacos e as malas atrás deles, o par saiu da sala de aula para os corredores vazios que levavam à porta principal. A escola parecia alienígena, provocava maus pressentimentos e ele avançou, ansioso por se dissociar da arruaceira. Fez de conta que estava interessado nos expositores que havia ao longo das paredes: os poemas básicos dos alunos do primeiro ano acerca do inverno; bonecos de neve tortos construídos com cotonetes, cuspo e cola; as homenagens dos alunos do segundo ano ao dia da marmota, agora abandonados, pois a data já passara. As máscaras em *papier-mâché* de animais africanos feitas pelos alunos do terceiro ano, o seu próprio antílope desajeitado e o leopardo dentuça de Norah. Ela chamou-o para esperar por ela, o que só serviu para o fazer avançar com mais rapidez. Quando a ouviu apressada atrás dele, começou a correr mas, de repente, ela estava em cima dele, fazendo-o rodopiar tão depressa que a mala lhe voou da mão e o casaco chicoteou a parede antes de cair no chão.

— Mandei-te esperar — disse ela.

— Deixa-me!

— Estás zangado porque te arranjei um castigo?

Ele fitou-a com malícia no olhar. Tinha o rosto corado e cuspiu as palavras:

— Desaparece. A única coisa que arranjaste desde que aqui chegaste, foram problemas!

— Sean, estás a fazer uma tempestade...

— Corria tudo bem até tu apareceres. — Rugas de fúria cruzavam-lhe a testa, enquanto corava com um vermelho mais intenso, e cerrou as mãos. Ela atacou, rápida como uma serpente, enterrando-lhe os dentes no ombro, mordendo com força suficiente para lhe ferir a pele sob a camisa. Continuou a morder e não o largou até ele gritar de dor e surpresa.

— Toma! — gritou. — Toma! Agora tens uma boa razão para estar furioso comigo.

Agarrando o ombro com a mão, ele gaguejou a resposta.

— Para que fizeste isto? Isto dói. Não tinhas o direito...

— Eu só queria falar contigo e tu fugiste. Desculpa, mas não vais deixar a senhora P. arruinar a nossa amizade, pois não?

— Mordeste mesmo com força.

— Desculpa...

— Continuo furioso contigo. Tenho de passar em tua casa todas as manhãs para te trazer à escola, e depois tu és toda esquisita e conheces aqueles truques que não partilhas, fazes batota e tens segredos.

— Estou a tentar pedir desculpa.

— Isso não é suficiente.

— Neste momento não compreendes, mas vais compreender. Se me ajudares.

— Porque havia de te ajudar? Mordeste-me. Porque me mordeste?

— Porque me puseste furiosa por causa de um problema sem importância, uma coisa de nada.

— Eu nunca me meto em sarilhos. Os meus pais matavam... — Susteve as palavras que lhe saíam da boca, engasgando-se com a memória do pai.

— Não contes a ninguém, está bem? Deixo-te ganhar da próxima vez que jogarmos xadrez.

Com relutância, ele pegou no casaco e pôs a mala ao ombro. Uma tré-gua silenciosa formou-se entre ambos e, tendo o cuidado de andar ao mesmo ritmo, encaminharam-se para a porta da frente. Lá fora caía uma neve ligeira, seca, quase nada. Norah puxou o capuz e calçou as luvas.

Antes de abrirem a porta, ele parou para pedir com sinceridade:

— Não contarei nada a ninguém, mas tens de me dizer quem anda a seguir-te. Naquela noite disseste que alguém talvez te quisesse levar. Para onde?

— Não sei o que ele quer — respondeu ela. — Mas tenho medo. Não quero ir.

Saíram para o pátio vazio. Todos os autocarros e crianças tinham partido há muito e só um punhado de carros permanecia no parque, os para-brisas cobertos de açúcar em pó. A neve batia com estrondo nas superfícies duras e, no silêncio da tarde, ressoava como ondas de estática. Nuvens pesadas difundiam a luz, suavizando todos os ângulos, aplanando a perspetiva. Sean sentia que se movia através de um quadro, os flocos eram escotilhas brancas num fundo cinzento. Até Norah, ao lado dele, parecia uma boneca de papel.

— Ela é muito alta — disse Norah. — A tia Diane. E um bocadinho assustadora. Talvez seja por causa da maneira como fala. Quase se lhe ouve a engrenagem do cérebro a funcionar. Ela está a pensar, rapaz. E eu vou ter de pensar mais depressa que ela e com mais intensidade, para me manter a par. Vou precisar da tua ajuda com as perguntas dela. Sabes o que me chamou? Fugitiva.

— Como se fugisses do FBI?

— Se calhar sou A Rapariga Mais Procurada.

Abrandaram para deixar passar um carro antes de atravessarem a estrada para o trilho que cruzava o bosque. Quando chegaram ao outro lado, Sean segurou-lhe no pulso.

— Eh, se calhar é a tua mãe que é a fugitiva...

— A minha mãe não seria nada disso. Bem, vou precisar da tua ajuda

com a tia Di. Vai lá a casa amanhã depois da escola. Ainda somos parceiros no crime, não somos, *amigo*?

— Desde que não voltes a morder-me.

Ela não conseguiu conter um sorriso. Tirando a mochila do ombro, agachou-se no passeio, abriu o fecho de um compartimento e procurou entre a explosão de lenços de papel, pontas de lápis e lápis de cera partidos. Pegou com gentileza num objeto pequeno e segurou-o cuidadosamente na palma da mão, oferecendo-lhe uma chávena azul, delicada como porcelana, resgatada de um serviço de chá de criança. Um par de pássaros em voo, partilhando uma bandeira nos bicos, tinham sido pintados por mão destra na superfície e, a não ser por uma falha que estragava o rebordo pintado, era uma miniatura perfeita.

— É para ti — disse. — Há anos que anda comigo, é a única recordação que tenho da minha vida anterior, mas queria que a guardasses para te dizer que somos amigos. Quando tenho problemas, sussurro uma oração para dentro da chávena e encho-a com os meus desejos. Tu precisas mais dela do que eu.

Ele escondeu o presente da mãe, grato por uma vez por ela só ter chegado a casa horas depois. No silêncio do seu quarto, Sean considerou o presente simbólico de Norah, levou a chávena estreita aos lábios e pensou em todos os seus desejos. Não suportou sussurrar *pai* para dentro da chávena, silenciado pelo absurdo dos pedidos dela, pela impossibilidade de qualquer oração provocar a resposta desejada. Para quê sussurrar, quando o seu coração gritava sem resultados? Mesmo assim, estava contente com a oferta, comovido pelo gesto altruísta, e a chávena encontrou um lugar de honra ao lado das caixas de bolachas do circo, onde guardava a coleção de objetos que encontrava. Já tarde nessa noite, na casa de banho, tirou cuidadosamente a camisa e observou a ferida vermelha ao espelho. Sensível ao toque, o círculo tinha uma cor púrpura, e quando Sean se virou para ver melhor, reconheceu o padrão deixado pelos dentes dela. No espelho, a marca dos dentes parecia exatamente um par de asas.

**A**s irmãs andaram à roda do assunto Erica, como sempre tinham feito desde o seu desaparecimento. Desde o início, Diane suspeitara da verdade, mas mantivera-se circunspecta naquelas poucas semanas de 1975 em que ninguém podia ter bem a certeza se Erica fugira ou fora raptada, ou algo pior. Os Quinn recusavam-se a acreditar nas teorias proferidas pela polícia local e, mais tarde, pelo FBI, mesmo depois do avistamento confirmado pelo proprietário da loja de bebidas de Tennessee, da descrição recolhida à cabeceira do homem em Oklahoma e do alegado confronto com uma empregada de um café do Texas. Só quando as provas se mostraram irrefutáveis é que Margaret reconheceu junto da irmã que acontecera algo de terrível à filha e, mesmo nessa altura, continuou a defender a inocência de Erica. Depois de Paul morrer, raramente se voltou a falar do assunto.

No verão a seguir à morte de Paul, Margaret e Diane passaram uma semana na costa, revisitando a casa de praia que os pais tinham alugado por uma ninharia quando as raparigas tinham dez e oito anos. Feita de tábuas gastas pelos elementos, parecia muito mais pequena que nas recordações delas, assim como o Atlântico, menos selvagem, menos azul; tudo diminuía em extensão e parecia mais pequeno devido às décadas de desenvolvimento costeiro. Durante quatro dias, preguiçaram ao sol, sem fazer nada mais árduo que meterem-se na água até ao pescoço na maré-baixa, observar os gaiteiros a dançar de um lado para o outro e caminhar pela areia ao pôr-do-sol. Na quinta noite, quando o fim do repouso começou



a influenciar a sua despreocupação, Diane preparou caranguejos ao vapor e sentaram-se no terraço com os malhos e os picos, um rolo de papel para guardar as conchas e seis cervejas frescas para regar o sabor ácido e forte do tempero *Old Bay*.

— Ainda não falámos dele — disse ela, martelando uma grande pata. — Em toda a semana. Não faz mal, se não quiseres...

— Paul? — Margaret abriu com força uma concha relutante.

Diane estendeu a mão e tocou no braço da irmã.

— Sei que tu o culpas por causa da Erica.

— Sinto a falta dele, acho eu, mas estou a acostumar-me à sua ausência. Estava há tanto tempo a afastar-se de mim que parece ter partido há muito. Não foi ele que a fez fugir com esse rapaz; se há alguém para culpar, sou eu. Devia ter-me metido entre ambos, ter mantido a paz. Devia ter falado com ela como a mulher em que estava a tornar-se.

Diane bebeu um pouco de cerveja, sentindo a camada de condensação fresca contra a pele.

— Vais-te mantendo ocupada, então?

Margaret cortou um pedaço de carne de caranguejo e saboreou-lhe o trago salgado.

— Os Delarosa pediram-me para lhes tratar da contabilidade, e vou duas vezes à baixa trabalhar como voluntária no Carnegie. Conto-te um segredo, ali conhecem-me pelo nome Mullins, não Quinn. Ninguém parece saber quem eu sou. Gosto que seja assim.

Torcendo violentamente o pulso, Diane abriu outra concha.

— Bem, fico contente que estejas a prosseguir.

Recostando-se na cadeira, Margaret fitou o oceano. Uma família jovem, com um menino nos braços da mãe, apontou um golfinho que surgia à superfície e se balançava sob as ondas.

— A prosseguir? Como é que se pode prosseguir? Como posso esquecer, até ao resto da minha vida, o que a minha filha fez? Rezo todos os dias por alguma coisa que me salve. — Voltou a olhar para a irmã e avisou, subindo de tom. — Não mexas nos olhos. Vão ficar toda a noite a arder por causa do picante que tens nos dedos.

Diane limpou as lágrimas com a dobra do cotovelo. Embora desejasse confortar a irmã mais velha, percebeu que não tinha a menor ideia do que lhe vagueava nas profundidades do corpo, que desejos e medos se agarravam à sua alma.

Na terça-feira, enquanto as crianças estavam na escola, Margaret e Diane foram de carro à cidade, passaram diante da fábrica encerrada, cujos tra-

balhadores vagueavam pelos bares e pela sede do sindicato. Pararam para almoçar no restaurante e sentaram-se num reservado. Diane fez beicinho quando tocou na toalha encerada e os dedos ficaram colados à superfície. Joyce Waverly viu-as e apressou-se a ir cumprimentá-las.

— Senhora Quinn, que bom vê-la de novo.

— Esta é a minha irmã, Diane Cicogna, que veio de Washington visitar-me. Diane, apresento-te Joyce Waverly Green.

— Green Waverly, senhora Quinn. Prazer em conhecê-la, senhora Cicogna, embora ache que nos encontramos uma ou duas vezes quando eu andava no liceu. Numa festa lá em casa. Como está a sua neta, senhora Quinn? Gostou do casaco novo?

— Norah? — Fixou o olhar em Diane, um tempo demasiado longo. — Coitadinha, apanhou uma constipação no fim de semana, caiu para dentro do gelo no lago, mas agora está melhor, graças a Deus, embora eu quase tenha morrido de preocupação. Como estão os teus filhos, Joyce? Como vai o pãozinho no forno?

— Continua a cozer. Para dizer a verdade, os meus pés continuam a inchar, já parecem abóboras com dedos. Não sei como me vou arranjar no último trimestre. — Joyce mudou o peso do corpo de uma anca para a outra. — Há uma coisa que ando para lhe perguntar desde a última vez que a vi.

Diane pigarreou.

— És uma das raparigas que costumava andar com a Erica?

— Não diria exatamente isso, mas sim, éramos amigas, minha senhora. Muito boas amigas, nessa altura.

— Chama-me Diane. Não te teria reconhecido, já crescida e mãe. Pela forma da tua barriga empinada, desta vez vais ter uma rapariga. Claro que se tivesses uma colher, um cordel e uma cigana, podíamos ter a certeza.

Joyce sorriu com a brincadeira, aceitou o seu pedido de sanduíches e deixou-as em paz. Algumas outras pessoas espalhavam-se pelas cadeiras e reservados, principalmente pessoas sozinhas, fitando os seus rolos de carne e puré de batata, antigos operários da fábrica a fazerem palavras cruzadas ou o empregado do Murphy a ler o último livro de Stephen King. Um par de jovens enfermeiras, num branco imaculado, terminavam a refeição numa mesa próxima, conversando acerca de bolsas amnióticas e cesarianas enquanto molhavam batatas fritas na última gota de ketchup do prato partilhado. A mais bonita bateu no fundo do copo para desprender o gelo, mas chupou ar e riram ambas, dividiram a conta e foram-se embora. Diane lançou-lhes um ar desaprovador quando elas passaram, mas as enfermeiras nem deram por isso.

— As coisas que algumas pessoas discutem ao almoço em lugares públicos. Falar de partos enquanto as pessoas decentes estão a tentar apreciar a sopa. — Diane pousou ambas as palmas das mãos abertas sobre a toalha da mesa, a aliança de casamento tão ostensiva como sempre. — Bem, do que eu gostava de falar era da tua menina.

Batendo com as unhas como se fossem um metrónomo, Margaret lançou um olhar de esguelha à fila de mesas, para ver se Joyce se aproximava.

— Erica?

— Tangencialmente, Erica, mas mais diretamente, acerca da Norah. Conta-me outra vez como é que ela veio ficar contigo. Sem mais nem menos, tens notícias da tua filha distante e, depois, esta criança ilegítima, não vou usar a palavra vulgar, é atirada para os teus braços?

— Não, nada disso. — Margaret bebeu um pouco de água. — Logo a seguir ao Ano Novo, recebi um telefonema a meio da noite. Deve ter-se esquecido da diferença horária, eu estou sempre a esquecer-me das diferenças...

As sanduíches chegaram, com várias camadas e palitos coloridos espetados. Joyce Waverly pousou-as cuidadosamente diante das duas mulheres. — Se quiserem mais alguma coisa, é só dizerem, minhas senhoras. Sabe, ouvi falar da sua neta. O meu primo tem um filho no terceiro ano, e ele diz que a menina nova é uma verdadeira artista. Oh, como é que ele disse? Desenha melhor o Homem Aranha que na banda desenhada, e como ele prefere mais o Homem Aranha que Jesus, é um grande elogio. Desde que veio cá da última vez que me tenho perguntado por que razão a Erica não mencionou a filha da última vez que falei com ela, há uns anos. Talvez eu não me lembre bem. Chamem se precisarem de mais alguma coisa, minhas senhoras.

Esperaram até ela já não as poder ouvir.

— *Prefere mais.* Aqui nunca deixará de ser campo. — Diane pegou nos palitos da sanduíche tostada e ergueu-os como um matador de touros prestes a atacar, depois atirou-os para a borda do prato. — Voltando à Erica. Que tem para dizer depois destes anos todos?

A irmã acabou de mastigar o canto da sanduíche, limpou a boca ao guardanapo, uma gota de maionese por cima dos lábios.

— Ao princípio não acreditei que era ela, pensei que fosse alguém a pregar-me uma partida. Mas ela garantiu-me que era e que estava em apuros, um tipo de apuros diferente, e que não sabia a quem recorrer.

— Deu-te alguma explicação?

— O quê, que é uma mulher procurada, que vive escondida, que tinha medo de ser apanhada? Claro que ela lamenta tudo isso. Quando a tua única filha te pede ajuda, tu ajudas. Sem fazer perguntas. Disse que

precisava de alguém para tomar conta da Norah enquanto ela organizava a sua vida.

— Com certeza que o seu período de restrição já prescreveu. Disses-te-lhe que devia aparecer e pedir misericórdia ao tribunal?

— Não conversámos durante muito tempo, Diane, e na verdade eu não pensei na restrição até ao momento em que falaste dela.

— Pelo menos, contaste-lhe do Paul?

A criada veio perguntar se estava tudo a seu gosto e quando lhe disseram que sim, ela coçou a barriga com o canto do bloco de apontamentos.

— Já me lembrei do que lhe queria dizer. No outro dia estive aqui um homem, um bocadinho estranho, a fazer perguntas acerca de si e da Norah. Disse que a conhecia há muito tempo. Muito elegante e antiquado. Garboso, como se dizia. Contou que era amigo da família.

— Disse que se chamava Jackson? — perguntou Diane.

Margaret abanou a mão diante dela.

— Não disse o nome — respondeu Joyce. — Nunca o tinha visto nem voltei a ver. Mas é curioso que tenha vindo cá de repente e depois haja alguém a fazer perguntas acerca de si. Teve alguma visita inesperada nos últimos tempos?

— Muito misterioso — disse Diane. — Estamos bem, querida, a sério. Obrigada.

A interrupção deu a Margaret a oportunidade de pensar, e arranjou mais tempo dando outra dentada na sanduíche, com o bacon a esfarelar para o prato e mastigando lentamente. Enrugando o rosto, levantou a primeira fatia de pão e tirou as rodela de tomate.

— São de estufa.

Entre dentadas, Diane voltou a perguntar:

— Então, como é que ela reagiu quando lhe disseste que o pai tinha morrido?

— Como podes calcular. Nunca sabem bem, os tomates de estufa. Não me parece que tenha desatado a chorar, se é isso que queres saber.

— Depois de tudo o que esse homem a fez passar, não.

— Ele só queria protegê-la. Não sabemos se as coisas não podiam ter sido piores.

— Nada podia ser muito pior que fugir com um criminoso.

— Podia sempre ser pior. Podia ter havido um verdadeiro confronto.

Fizeram-se ameaças.

— O Paul? O bom e inofensivo Paul?

Margaret mordiscou mais um pedaço de sanduíche.

— O rapaz. E, afinal, se as coisas tivessem corrido de outra maneira,

talvez não tivéssemos a Norah, não é? Esta criaturinha engraçada, um pau de virar tripas e um mistério completo. Ela precisa de mim, pelo menos por enquanto.

— Talvez a possas ameaçar de lhe ficar com a filha. — Diane riu. — Talvez assim a Erica volte para casa.